



As FESTAS
do IMPÉRIO do
DIVINO ESPÍRITO SANTO
em ALENQUER

Filomena Sousa

José Barbieri



CÂMARA MUNICIPAL
Alenquer

Filomena Sousa

José Barbieri

As FESTAS
do IMPÉRIO do
DIVINO ESPÍRITO SANTO
em ALENQUER



Câmara Municipal de Alenquer
Vereação da Cultura
Divisão da Cultura e Identidade Territorial

MEMORIAMEDIA – e-Museu do Património Cultural Imaterial
www.memoriamedia.net

Título: As FESTAS do IMPÉRIO do DIVINO ESPÍRITO SANTO em ALENQUER

Autores: Filomena Sousa e José Barbieri

Produção: Câmara Municipal de Alenquer; Vereação da Cultura; Divisão da Cultura e Identidade Territorial

Coordenação do Projeto: Câmara Municipal de Alenquer
Rui Fernando Costa
Filipe Soares Rogeiro

© 2022 Memória Imaterial CRL

Imagem capa: Coroas do Espírito Santo - FIDES de Alenquer (2022)
Fotografias: Memória Imaterial, CRL, Câmara Municipal de Alenquer
Edição: Memória Imaterial CRL, Rua da Colectividade, 4, 2580-258 Alenquer
<https://memoriamedia.pt/index.php/fides-alenquer>

ISBN: 978-989-99397-6-9

Distribuição online: Memória Imaterial CRL

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
O Espírito Santo, o culto e as festas no concelho de Alenquer	2
PARTE I	8
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	8
Séculos XIII e XIV	8
A narrativa de origem “franciscana”	9
A narrativa de origem “Isabelina”	11
Do séc. XV ao séc. XIX – do auge à extinção	14
A atualidade – a revitalização das festas	18
PARTE II	27
AS FIDES EM ALENQUER	27
ALENQUER	27
ALDEIA GALEGA (e ALDEIA GAVINHA)	34
Aldeia Gavinha	38
Arneiro	40
Casais Brancos e Vale Benfeito	41
Paiol	43
ATALAIA	45
CARREGADO	48
OTA	51
PAÚLA	55
PEREIRO DE PALHACANA	58
BIBLIOGRAFIA	62
PARTE III	64
ANEXO 1	64
ANEXO 2	66
ANEXO 3	68
ANEXO 4	74

As FESTAS do IMPÉRIO do DIVINO ESPÍRITO SANTO em ALENQUER

INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui se apresenta tem como principal objetivo o registo e descrição do estado das Festas do Império do Divino Espírito Santo (FIDES) de Alenquer nas oito comunidades do concelho que as realizaram no ano de 2022: vila de Alenquer; Aldeia Galega (incluindo as localidades de Arneiro, Casais Brancos, Paiol e Vale Benfeito); Aldeia Gavinha;¹ Atalaia; Carregado; Paúla; Pereiro de Palhacana e Ota.²

Com a exceção do Carregado, que apenas começou a participar nas celebrações em 2016, todas as outras comunidades têm registos da realização destas celebrações no passado, tendo o longo interregno das mesmas sido interrompido com o reinício dos festejos no ano de 2007. Pretende-se com este trabalho identificar o motivo dessa revitalização, os atores envolvidos nesse processo, o modo como têm sido implementadas as celebrações e o que as caracteriza.



Imagem 1 -Procissão do Espírito Santo em Aldeia Galega (2022).

¹ Que em 2022 também se associou às comemorações em Aldeia Galega.

² Esta pesquisa resulta do financiamento atribuído à Camara Municipal de Alenquer no âmbito do Programa EDP Tradições.

Para a realização deste trabalho a equipa de investigação³ recorreu a documentação histórica, bibliografia especializada no tema e efetuou trabalho de campo durante o primeiro semestre de 2022, período no qual registou as manifestações religiosas e culturais em cada uma das comunidades e entrevistou praticantes e membros da Comissão das FIDES de Alenquer – representantes das Paróquias, da Câmara Municipal e da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer (ver identificação dos entrevistados no anexo 1).

Como resultado da pesquisa teórica e empírica apresenta-se não apenas esta publicação, mas também uma página web com toda a documentação produzida – textos, fotografias, um documentário longo sobre as FIDES de Alenquer e oito documentários curtos sobre as celebrações protagonizadas em cada uma das localidades.⁴

O Espírito Santo, o culto e as festas no concelho de Alenquer

O Espírito Santo é figura central no Cristianismo, parte da Santíssima Trindade, na sua dimensão una e múltipla, onde Deus (Pai), o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo são três num só. No Novo Testamento,⁵ entre vários episódios decisivos, destaca-se o papel do Espírito Santo – a sua “obra e graça” – na conceção divina de Jesus Cristo; a sua presença em forma de pomba no batismo de Jesus e a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e seguidores de Cristo, cinquenta dias depois da sua Ressurreição e dez dias depois da sua Ascensão.



Imagem 2 - Pentecostes em baixo-relevo, séc. XV – XVI, Igreja do Espírito Santo de Atalaia (2022).

³ Equipa de investigação da Memória Imaterial CRL, ONG acreditada pela UNESCO (Património Cultural Imaterial).

⁴ <https://memoriamedia.pt/index.php/fides-alenquer>

⁵ Na tradição judaica, o Pentecostes é celebrado no Festival da Colheita (Shavuot) e comemora o momento em que Deus entrega dos Dez Mandamentos a Moisés no Monte Sinai, cinquenta dias após o Êxodo dos israelitas do Egito, onde viviam como escravos.

Na generalidade, as celebrações que integram as festas do Divino Espírito Santo realizam-se durante esses cinquenta dias que medeiam o domingo de Páscoa e o domingo do Pentecostes, dia por excelência dedicado ao Espírito Santo, e no qual os cristãos comemoram o terceiro evento enunciado anteriormente – a descida do Espírito Santo e dos “seus dons” (na forma de línguas de fogo) sobre os que acreditaram em Jesus Cristo. É também assim que acontece no concelho de Alenquer. Alternadamente, em cada um dos oito domingos que compõem esse período, uma comunidade agenda os principais eventos destas celebrações: as cerimónias religiosas (as missas e procissões), e os bodos (oferendas e dádivas alimentares organizadas em jeito de festa, onde não pode faltar a “sopa do bodo”, os tremoços, o pão e o vinho).

No primeiro e último domingo, os festejos de abertura e encerramento das FIDES acontecem sempre em Alenquer. Iniciam com a Entronização das insígnias – a coroa e o estandarte – no primeiro fim de semana e terminam com a procissão da luz, a missa, a procissão do Espírito Santo e o bodo no último fim de semana. Entre esse período é definido pelas várias entidades que compõem a Comissão das FIDES o domingo de festejos que calha a cada uma das localidades, conforme a disponibilidade e interesse das comunidades.⁶



Imagem 3 - Insígnias do culto do Espírito Santo da vila de Alenquer (2022).

O Império do Espírito Santo e toda a doutrinação em torno da terceira entidade da Santíssima Trindade representa assim uma revalidação e uma tentativa de implementação dos ensinamentos originais de Jesus Cristo, em particular, a crença de que somos todos iguais sob o olhar de Deus, não havendo hierarquia social ou económica que se sobreponha a essa doutrina. Valores que corporizam

⁶ Já aconteceu mais de uma comunidade celebrarem os seus festejos no mesmo domingo.

um conjunto de iniciativas baseadas na solidariedade e estruturadas na entreatajuda, nomeadamente os antigos hospitais e confrarias do Espírito Santo que tinham essencialmente propósitos caritativos. Esta perspetiva vincula-se ainda aos sete “dons” que são atribuídos ao Culto do Espírito Santo – “sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus”.

Este motivo caritativo e espiritual, de “contacto” com a “graça divina”, e da “realização do bem” surge no discurso dos praticantes das FIDES de Alenquer como o principal impulsionador do seu envolvimento na organização ou participação nas festas. De referir que a organização do bodo, a dádiva de bens alimentares à população, era, por tradição, uma das formas que aqueles que receberam as “graças” e “dons” do Espírito Santo, tinham para retribuir essa bênção.



Imagem 4 - Os "dons" do Espírito Santo - representação da comunidade da Atalaia (2022).

A representação iconográfica do culto é vasta pois remete para a diversidade das celebrações a ele dedicadas. Em Alenquer encontram-se as referências ao vento, à luz, ao fogo, à água, sendo muitas vezes representado pela pomba. As principais insígnias são a coroa e o estandarte ou bandeira (ambos adornados com a pomba), o que, junto com a denominação de “Império” tantas vezes associada à designação das festas, parece referenciar rituais monárquicos⁷ e uma “linguagem do poder” (Leal, 2017), aspeto que o Diácono Duarte João (2022),⁸ da Paróquia de Alenquer, interpreta do seguinte modo:

⁷ De referir a narrativa que defende a origem das festas como iniciativa da Rainha Santa Isabel (desenvolvida na parte I desta publicação) e que reforça esta ligação entre o religioso e o político no Culto do Espírito Santo.

⁸ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa. Membro da Comissão das FIDES de Alenquer enquanto representante da Paróquia de Alenquer.

“A coroa é sempre um símbolo da realeza, portanto a coroa aqui significa que o Espírito Santo deve reinar (...). [Mas] não estamos aqui a colocar o religioso a dominar o mundo, não é disso que se trata. O Espírito Santo personifica tudo o que é o bem, o amor, a paz, a fraternidade, a solidariedade, a entreaajuda. Portanto, estes valores devem reinar! É isso que a coroa significa. Depois a bandeira (...) – o lema [das FIDES de Alenquer] é ‘O Espírito sopra onde quer’ –, uma das maneiras de representar o Espírito, que por natureza é invisível, é o vento. Portanto aquela bandeira quando vem na procissão desfraldada e agitada pelo vento, quer dizer isso mesmo, quer sublinhar o significado e a importância deste lema. O Espírito não conhece fronteiras, nem a Igreja tem mão nele. O Espírito é aberto, toca onde quer!”.



Imagem 5 - Coroas das diferentes comunidades expostas no Encerramento das FIDES, Capela do Espírito Santo, em Alenquer (2022).

Para além de cada localidade seguir um “guião” dos festejos – que inclui sempre as cerimónias religiosas e o bodo – conforme o contexto geográfico, é possível encontrar pequenas variações na composição dos rituais. Por exemplo na Atalaia estão espalhados pelo percurso da procissão inscrições sobre o significado do culto. Também nessa aldeia os “dons” desfilam num único quadro de onde saem sete fitas vermelhas seguras por crianças. Já na Paúla, por exemplo, os “dons”, também transportados por crianças, desfilam em sete quadros diferentes.

Em Alenquer, em 2022, foram vários os grupos sociais envolvidos nos festejos: como espectadores e participantes menos ativos, a população residente e os visitantes. Como membros mais ativos, os residentes envolvidos na atividade paroquial, os eclesiásticos, os membros da Comissão das FIDES e representantes das entidades que compõem essa Comissão, os membros de diversas instituições de solidariedade (por exemplo, escuteiros, irmandades e coletividades) e representantes políticos locais, nomeadamente membros da Câmara Municipal e das Freguesias. De referir que no Carregado

participaram também grupos afrodescendentes residentes na vila, evidenciando a diversidade cultural das festas nesta localidade.

De forma a concretizar o objetivo proposto dividimos os conteúdos desta publicação em duas partes. Primeiro enuncia-se uma breve contextualização histórica sobre as Festas do Império do Divino Espírito Santo em Alenquer, onde se destacam as duas narrativas da origem mais vinculadas às festas no concelho (Leal, 2017): a narrativa “Isabelina”, que remete as origens do culto para a iniciativa da Rainha Santa Isabel (1271–1336), esposa de D. Dinis, e a narrativa “Franciscana”, proposta por Jaime Cortesão que justifica a difusão das festas do Espírito Santo pela ação da Ordem Franciscana (Cortesão, 1980; Leal, 2017). Narrativas estas que para além de distintas não se excluem, como veremos mais adiante.

A segunda parte da publicação dedica-se, de forma mais demorada, à descrição das FIDES de Alenquer em cada uma das comunidades que realizaram estes festejos no ano da pesquisa, ou seja, em 2022. Aqui serão abordados os significados dos festejos para diferentes atores; os preparativos e o embelezamento das aldeias e vilas; os momentos e os elementos das cerimónias religiosas; os espaços de culto de cada localidade; as suas insígnias e a confeção das iguarias que compõem o bodo, em particular, os ingredientes e receitas das características sopas.



Imagem 6 – Estandartes de todas as comunidades expostos na Sala do Império do Divino, Paços do Concelho, Alenquer (2022).

Considerámos pertinente juntar a estas duas partes da publicação um conjunto de anexos da autoria do Arquivo Histórico Municipal de Alenquer que permitem, a quem tenha interesse em aprofundar o tema das FIDES de Alenquer, o acesso a pesquisas documentais já realizadas: a transcrição do texto “A Casa e as Festas do Espírito Santo de Alenquer” das Memórias Paroquiais de Pedro da Silveira, Prior da Freguesia de São Pedro da vila de Alenquer a 15 de abril de 1758 (anexo 2); a relação dos

“Confrades da Casa do Espírito Santo de Alenquer (1475–1580)” (anexo 3); a relação de documentos encontrados no Arquivo Histórico Municipal de Alenquer, Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Academia das Ciências de Lisboa sobre a Casa do Espírito Santo de Alenquer (anexo 4).

PARTE I

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Séculos XIII e XIV

Sendo evidente a referência a Alenquer pela maioria dos estudiosos que realizam ou realizaram pesquisas sobre as confrarias, o culto e as festas do Espírito Santo, especialmente quando enunciam as várias narrativas das suas origens (por exemplo, D. Rodrigo da Cunha, 1642; Frei Manuel da Esperança, 1656; Frei Francisco Brandão, 1672; D. Fernando Correia de Lacerda, 1680; Padre Manoel Fernandes, 1690; Azevedo, 1963; Cortesão, 1980; Lourenço, 2001; Leal, 2017, entre outros), não se conhece porém uma data precisa para a fundação da confraria da igreja do Espírito Santo de Alenquer ou das festas. Existem, contudo, documentos que sugerem a sua existência já no século XIII.

Segundo Lourenço (2001) a albergaria do Espírito Santo de Alenquer “existia, pelo menos, desde o tempo de D. Sancha, filha de D. Sancho I [senhora de Alenquer, falecida em 1229], que criaria no edifício dos Paços da Família Real um albergue para enfermos pobres e peregrinos” (p. 653). A instalação desse hospital nos Paços Reais substituiria as instalações que D. Sancha doou aos frades menores e onde se edificaria mais tarde o Convento de São Francisco (Vale & Ferreira, 1999).

Continuando as referências ao século XIII, é forçoso abordar o artigo que o historiador Rui Pinto Azevedo (1963) redigiu sobre compromissos de confrarias, onde conclui que o “Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente”, redigido em latim, é anterior a 1234, e por isso o mais antigo que se conhece. Mas no mesmo artigo o autor refere que “há fortes motivos para supor que as confrarias do Espírito Santo se regularam todas pelos mesmos estatutos” (p. 9) e, citando um texto de Braancamp Freire (1903), fala-nos da notícia de compromissos mais antigos, entre eles o de Santa Maria de Sintra, cujo documento original teria sido exarado em Alenquer em 1217:

“A. BRAAMCAMP FREIRE, Archivo Histórico Portuguez, vol. I (Lisboa, 1903) pp. 349–355, dá-nos notícia dos mais antigos compromissos de confrarias de que teve conhecimento: o de Santa Maria de Sintra, existente em mau traslado no cartório dessa igreja, do qual consta ter o documento original sido exarado em Alenquer no mês de Março da Era de 1255 (ano de Cristo, 1217)” (Azevedo, 1963, pp.10–11).

Ou seja, Alenquer surge mais uma vez como a referência mais antiga da confraria e Rui Pinto Azevedo crê mesmo que, se o compromisso de Santa Maria de Sintra é anterior ao de Benavente e foi lavrado em Alenquer, foi nesta povoação que foi “fundada em data mais remota a confraria do Espírito Santo com estatutos semelhantes aos de Benavente”. Referindo-se depois às festas,

acrescenta: “tanto mais que já aí existia ermida da mesma invocação, onde, depois de sofrer obras e ampliações, se celebraram com grande pompa as festas imperiais do Espírito Santo” (1963, p.11).

**COMPROMISSO DA CONFRARIA DO ESPÍRITO SANTO
DE BENAVENTE (SÉCULO XIII)**

Traslado de Julho de 1544, feito sobre o original, Tombo da Igreja Matriz de Benavente, fls. 11v e 12.

In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, Amen. Quoniam «ubi est caritas et amor ibi est Deus» (1), placuit nobis follis de Benavente ut faciamus confrariam in honore Dei patris omnipotentis et filii unigeniti Domini nostri et Santi Spiritus, a Patre et Filio procedentis Sanct[e] Marie et omnium Santorum unde simul pauperibus et animabus bene largientium pabulum oriatur secundum ilud Evangelium: «Esurivit et dedistis mihi manducare; sitivit et dedistis mihi bibere» (2). Et Ioanes in epistolla sua ait: «Deus caritas est et quy ma-

Tradução do vigário Rui Lopes, da mesma data, Id., fls. 8-10.

Em nome do Padre, do Filho, do Espírito Santo, Amém. Porque onde he a caridade e o amor ahy he Deos, aprouve a nos folhas de Benavente (*) (chamarẽ se folhas porque fizerõ da villa arvore, lêbrando lhe aquella autoridade de Joo que diz: Senhor, contra folha mostras tua pomtemcia (b) e) fazermos confraria em homra de Deos Padre todo poderoso e do Filho unigenito do Senhor e do Espryto [Santo] (c) proçedido do Padre e do Filho e

(a) As palavras aqui postas entre parêntesis não estão no texto latino; acrescentou-as o tradutor quinhentista para explicar o sentido de *follis*, em referência aos povoadores de Benavente. Resta, porém, saber se seria essa a palavra empregada no original. Paulo Merêa não crê que aí estivesse *follis* nem *foliis*, admitindo tratar-se de má leitura de *filii*.

(b) *Sic*.

(c) As palavras aqui assinaladas entre colchetes são acrescento nosso.

(1) Antífona da liturgia de 5.ª feira santa, cerimônia de lavapés.
(2) *Mat.*, XXV, 35.

Imagem 7 – Trecho do Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente (séc. XIII) (Azevedo, 1963, p.13).

A narrativa de origem “franciscana”

Sobre a origem das primeiras confrarias, Azevedo (1963) expõe brevemente duas pistas distintas. Por um lado, ao descrever o que consta nos primeiros compromissos, em particular os deveres caritativos dos confrades – apoiar os mais pobres nos momentos de dificuldade, doença e morte –, enquadra as confrarias na narrativa de origem dita “franciscana”:

“(…) no tipo das confrarias de caridade e socorro mútuo criadas por leigos, que proliferaram na Península Ibérica durante a referida centúria (6), as quais quanto a fins e práticas de beneficência revelam grandes semelhanças com a Ordem Terceira de S. Francisco” (p.9).

Por outro lado, em nota de rodapé o mesmo autor aborda a influência dos colonos francos que se fixaram na região de Lisboa, no reinado de D. Sancho I:

“(…) se atentarmos em que Alenquer e Benavente se situam na zona do país onde, no reinado de D. Sancho I, se fixaram importantes núcleos de colonos francos (os de Azambuja e Montalvo de Sor, ambos nas margens do Tejo), talvez não seja arrojado supor haverem sido esses colonos os introdutores em Portugal das confrarias do Espírito Santo” (Azevedo, 1963, pp.11–12).

Citando a entrada “*Saint Esprit*” do *Dictionnaire des Sciences* (Bruillet), Azevedo “diz ter havido em França, sob a invocação do Espírito Santo, uma ordem de religiosos hospitaleiros, fundada no século XII e aprovada em 1198” (1963, p. 12).

De referir que a teoria da importância dos colonos francos nas origens do culto do Espírito Santo é bastante residual na literatura produzida sobre o tema, o que já não acontece com a teoria da origem baseada na ação da Ordem Franciscana. Particularmente em relação ao culto em Alenquer, esta segunda hipótese é bastante apoiada na medida em que, em Portugal, foi neste concelho que as Ordens Mendicantes foram primeiramente acolhidas. Entre 1212–1218, Frei Zacarias, protegido da Infanta D. Sancha, chega a Alenquer para fundar o convento Franciscano.⁹

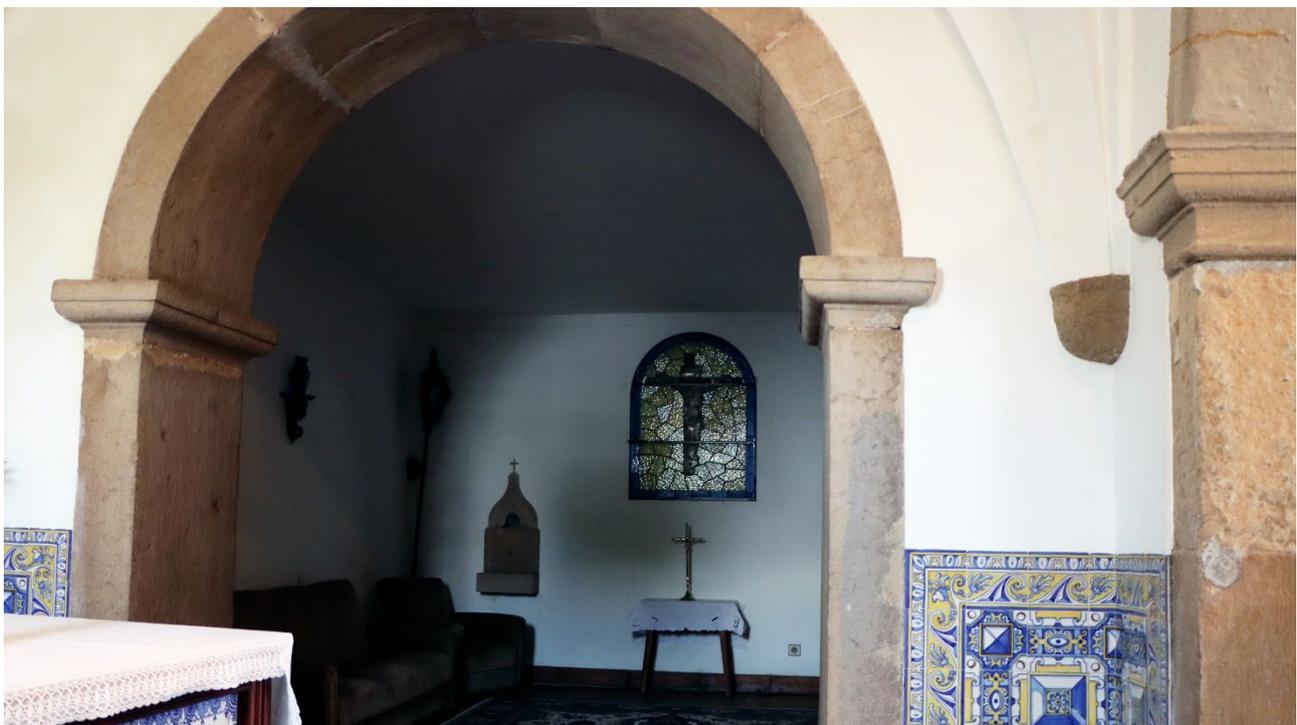


Imagem 8 - Sala anexa à nave da Capela do Espírito Santo de Aldeia Galega que serviria de abrigo-hospital para o tratamento de enfermos (2022).

A narrativa “franciscana” da origem das festas do Espírito Santo é amplamente defendida pelo historiador Jaime Cortesão (1980), reforçando em particular a importância dos “franciscanos de tendência espiritual” (p. 262) por influência dos escritos do abade Joaquim di Fiore¹⁰ que proclamavam profeticamente a chegada da Terceira Idade, a “Idade do Espírito Santo”, que depois da “Idade do Pai” e da “Idade do Filho”, menos bem sucedidas, viria finalmente a consagrar a igualdade social e promover a abundância (Leal, 2017).

⁹ Mais tarde, em 1540, D. Pedro de Noronha fundou, neste mesmo concelho, em Vila Verde de Francos, um convento Franciscano na encosta de Montejunto.

¹⁰ Uma terceira narrativa da origem do culto do Espírito Santo referida por Leal (2017) é exatamente a narrativa “joaquimita” elaborada por Agostinho da Silva (1988), genro de Jaime Cortesão, onde as festas do Espírito Santo representam um pronúncio da chegada dessa Terceira Idade onde as crianças, “seres puros”, coroadas, exerceriam o seu poder, tal como Cristo teria advogado.

Ainda sobre as menções ao culto do Espírito Santo em Alenquer no século XIII, conforme refere Folgado (2010), “conjeturas à parte”, o primeiro documento que positivamente se refere ao Espírito Santo é uma carta datada de 18 de setembro de 1279, onde a rainha regente D. Beatriz enuncia tomar “em sua guarda e defesa” a Albergaria do Espírito Santo (Costa, 2014; Folgado, 2010; Lourenço, 2001; Vale & Ferreira, 1999). Esta carta mostra-nos que àquela data “a confraria já tinha agregada uma albergaria, como aconteceu em grande número de terras, e [era] merecedora da proteção real” (Folgado, 2010, p. 39).

A narrativa de origem “Isabelina”

Completamente enraizada na narrativa local está a teoria da fundação da Casa do Espírito Santo em Alenquer (igreja, confraria e festas) por iniciativa da Rainha Santa Isabel (1271–1336)¹¹ (Costa, 2014; Folgado, 2010). De referir que no discurso da maioria dos entrevistados que participaram nesta pesquisa, principalmente entre aqueles que organizam as festas nas várias localidades do concelho, continua a ser esta a versão mais citada, sempre envolta numa aura de devoção à Santa Isabel e orgulho por esta ter sido “senhora das Terras de Alenquer”, tal como orgulho na “estima” que a mesma teria por esta zona do país.



Imagem 9 - Pormenor do Óleo da sala dos Capelos da Universidade de Coimbra com a representação da Rainha St. Isabel e D. Dinis.

Muito contribuiu para a fundamentação deste argumento a existência no Arquivo Histórico Municipal de Alenquer de uma transcrição do “Princípio e fundamento da Casa do Espírito Santo da vila de Alenquer, dado pela Rainha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Dinis, no ano de 1321”. Documento

¹¹ Canonizada em 1742.

que não provando a data da fundação da Casa do Espírito Santo, prova, contudo, a existência de uma Casa e das Festas, nesta data, em Alenquer.

Esse texto e outros relacionados com a Casa do Espírito Santo – entre eles o “Primeiro Compromisso da Casa do Espírito Santo...” de Alenquer – são amplamente analisados em Folgado (2010) e Costa (2014).¹² Usando estas duas publicações, baseadas nas pesquisas levadas a cabo pelo Arquivo Histórico Municipal de Alenquer, resumimos de seguida os seus conteúdos.

As transcrições que destacamos: o «Princípio e fundamento da Casa do Espírito Santo da Vila de Alenquer...»; o «Primeiro Compromisso da Casa do Espírito Santo que fizeram os Confrades» (s.d.); um «Milagre que aconteceu na Casa do Espírito Santo» e, ainda, um «Outro Milagre» relacionado com a Casa, são todas parte dum mesmo livro da Câmara de Alenquer, usado entre 1654 e 1672 e são da autoria de Brás de Araújo de Valadares, na altura escrivão da Câmara.

Nesse livro consta que estas transcrições foram feitas a 22 de dezembro de 1663, à vista de “um muito velho e antigo livro” então achado “em uma arca onde jazem os papéis e escrituras da vila de Alenquer”, “uma certidão e papéis antigos autênticos que estão no cartório da dita Santa Casa [do Espírito Santo] e no da Câmara desta dita vila”. No fim refere: “E não continham mais os ditos papéis, que todos aqui tresladei bem e fielmente, a que me reporto. Brás de Araújo de Valadares, escrivão da Câmara o escreveu por mandado e autoridade do juiz e vereadores para a todo o tempo constar todo o sobredito”. O traslado ocupa as folhas 85 a 92 do referido livro, encadernado a pergaminho.¹³

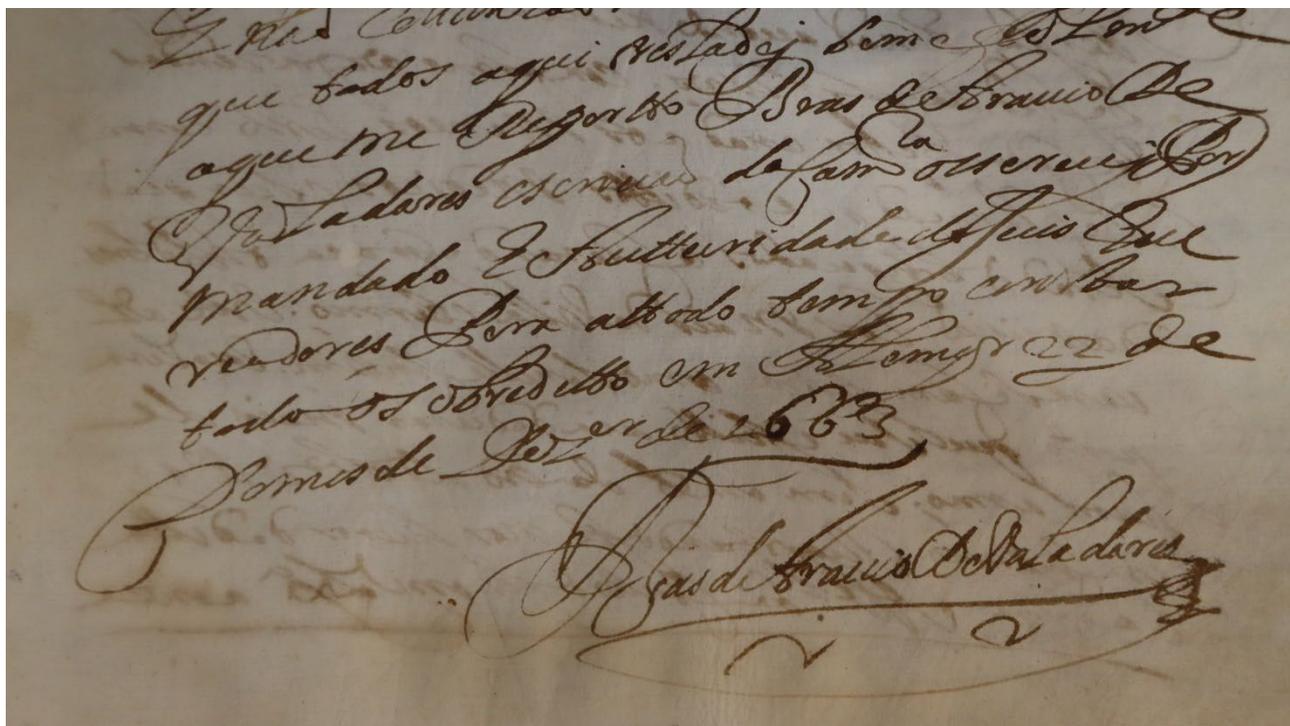


Imagem 10 - Livro da Câmara de Alenquer, usado entre 1654 e 1672, escrivão Brás de Araújo de Valadares.

¹² Na altura das publicações, Presidente e Vereador da Câmara Municipal de Alenquer respetivamente.

¹³ Documentos publicados por Luciano Ribeiro sob o título *A Casa do Espírito Santo em Alenquer* nos números 2 e 3 da revista *Damianus A Goes*, editada pelo Grupo Amigos de Alenquer, anos de 1941 e 1942.

O «Princípio e fundamento...», é a escritura pública, com testemunhas, de uma versão do conhecido Milagre das Rosas onde, neste caso, a Santa converte as rosas em dobrões de ouro para pagar aos pedreiros e serventes envolvidos na construção de uma casa dedicada ao Espírito Santo. Casa esta que a Rainha já havia visto em sonhos e cujos alicerces achou já riscados no chão, milagrosamente, quando chegaram junto ao terreno onde seria edificada a igreja (Costa, 2014; Folgado, 2010). No documento consta: “E assim se acabou a dita Casa à custa da dita Senhora Rainha, e foi logo feito aquele altar grande e posto nele um painel-retábulo do Santo Espírito, e a dita Casa bem provida pelo dito Senhor Rei e Senhora Rainha de vestimentas, cálices e ornamentos em abundância”.

Recomendada a mesma Casa pelos reis a “cavaleiros, escudeiros e outra boa gente”, logo estes “se ajustaram e ordenaram entre si uma confraria [...] fazendo de tudo um compromisso”, onde se preceituavam “missas na dita Casa pelo seu dia”, procissão, “um honrado bodo [...] ordenando que para a dita festa ser mais perfeitamente obrada, que à sexta-feira se corresse toiros, que se chamasse sexta-feira das carnes”, e que “fosse aquela carne toda cozida, para se pôr em um paiol, a par de outro paiol de pão”, e “ordenaram que quando aí não houvesse imperadores prometidos por sua devoção, que então elegeassem outros da dita vila e termo, dos mais abastados” (citações do documento em Costa, 2014, p.3).

Segundo Costa (2014) o texto do «Primeiro Compromisso da Casa do Espírito Santo que fizeram os confrades», sem data, mas idêntico ao de Benavente, inscreve os deveres dos confrades “no que diz respeito à doença, à morte, à pobreza, ao bodo – ‘os confrades, presentes uma vez em o ano, por dia do Espírito Santo, deem de comer aos pobres’ –, bem como as penas e multas por injúrias ou uso de violência em relação aos seus pares” (p.4).

Os outros dois textos remetem para reinados posteriores ao de D. Dinis e da Rainha Santa Isabel, por isso voltaremos a eles mais adiante. O que salientamos agora é como, localmente, a existência do texto de 1321 vai contribuir para a difusão da teoria da origem do culto por iniciativa da Rainha Santa Isabel, quando tudo aponta para a sua existência anterior ao seu reinado, já no século XIII. Este texto, de conteúdo miraculoso, reforça o carisma e a devoção na Rainha e, perante outras teorias da origem do culto, a generalidade das pessoas, por motivos religiosos ou pela curiosidade dos relatos, prefere replicar esta história.

Como refere Folgado (2010), “em Alenquer não é caso único. A tradição local atribui-lhe também [à Rainha Santa Isabel] a fundação da Igreja de Santa Maria de Triana, mas o facto é que esta já era paróquia em 1239” (p. 40).

À narrativa que vincula a origem do culto à Rainha Santa Isabel e a Alenquer o antropólogo João Leal (2017) chama de “narrativa Isabelina”, e já no século XVII vários autores referem-se a ela, entre eles: D. Rodrigo da Cunha (1642), Frei Manuel da Esperança (1656), Frei Francisco Brandão (1672), D. Fernando Correia de Lacerda (1680) e Padre Manoel Fernandes (1690) (Costa, 2014; Leal 2017).

D. Rodrigo da Cunha na obra *História Eclesiástica de Lisboa* (1642) e D. Fernando Correia de Lacerda no volume hagiográfico (1680) referem-se ao milagre reportado no documento de 1321 – à edificação dos fundamentos da igreja no local em que a rainha tinha sonhado, em Alenquer. Por exemplo, o primeiro descreve: “(...) andando com pensamentos de fundar nela uma igreja sumptuosa ao Espírito Santo, achou pela manhã lançados os fundamentos por mãos de Anjos e a obra em altura que já se podia nela ver a mesma traça pela qual a santa Rainha a determinava edificar”, completa

ainda em relação às festas: “ela [a Santa Isabel] e el-rei D. Dinis, seu marido, foram os autores da festa que se chama do Espírito Santo, cuja solenidade foi tão célebre por todo o reino, e mais nos maiores e mais populosos lugares dele, como ouvimos contar aos antigos” (Cunha, 1642, p.22).

Muito mais tarde, no final do século XIX, as referências que Adolfo Coelho (1880) e Teófilo de Braga (1885) fazem às obras de Lacerda e Esperança nos seus textos vão fortalecer a “narrativa Isabelina”, tornando-se esta a mais difundida explicação da origem do culto e das festas do Espírito Santo (Leal, 2017).

De Alenquer, as festas rapidamente foram difundidas pelas outras terras das quais a Rainha era “senhora”. Jaime Cortesão (1964) descreve o esplendor com que se realizavam em Leiria, Porto de Mós, Óbidos, Torres Novas e Sintra.

A grande aceitação popular do culto e das festas em Portugal e especificamente em Alenquer é testemunhada pelo “número significativo de igrejas, conventos, capelas e confrarias com essa invocação”. Daí o ditado popular, ainda hoje usado no concelho de Alenquer: “A cada canto seu Espírito Santo” (Melo, Guapo & Martins, 1991).

As festas serão depois celebradas de forma bastante significativa, não só em Portugal Continental, como nas ilhas, especialmente nos Açores. “Viajando” para o Brasil e América do Norte, em particular para os Estados Unidos e Canadá. Havendo ainda o seu registo pontual em Angola, Cabo Verde e Índia (Leal, 2017).

Do séc. XV ao séc. XIX – do auge à extinção

Percorrendo a evolução do culto e das festas em Alenquer desde o séc. XV até ao séc. XIX, começamos por analisar os dois documentos transcritos por Brás de Araújo de Valadares, já aqui referidos, e que relatam milagres relacionados com a Casa do Espírito Santo.

Primeiro abordamos a transcrição do milagre que, segundo a crença, se deu no séc. XV, no reinado de D. Duarte (1433–1438) e que atesta o imenso prestígio e a vasta dimensão das festas nessa época (Costa, 2014). Este texto começa por evocar a magnificência das festas sublinhando as habituais participações reais e as grandes dádivas alimentares no bodo (dez a doze bois se o rei estava presente, sete bois por norma). O milagre relata a forma como toda esta carne era cozida com água lançada “por uma só vez”, algo impossível de acontecer, a não ser por obra divina. O texto refere que D. Duarte para atestar esta proeza enviou o seu cozinheiro-mor Martim Gonçalves e mais dois ou três cozinheiros em quem este confiava para verem o tempero e o “cozer da dita carne do Espírito Santo” recomendando que não se distraíssem, nem dormissem durante todo o processo. Segundo o relato, eles assim o fizeram acabando por confirmar o milagre. Durante toda a cozedura não havia sido lançada “água nem vinagre mais que uma só vez”:

“Vindo El-Rei Dom Duarte em romaria a esta Santa Casa do Santo Espírito, para assistir à sua festa, por ser costume dos reis virem a ela, se lhe contou em como todos os touros que se matavam, que sendo costume matar-se sete, quando vinham os reis dez e doze, por razão da muita gente, se coziam todos com uma água e vinagre que por uma só vez se lhes lança”.

“El-Rei, como cristianíssimo, nem por duvidar do milagre, mas porque falando ele no dito milagre muitos duvidaram, e também Martim Gonçalves, seu cozinheiro-mor, que dizia que tanta carne se não podia cozer sem que lhe deitasse muitas vezes água, assim como ele fazia em sua cozinha, que uma panela, nela só, deitava duas e três vezes água, mandou ao dito Martim Gonçalves tomasse dois ou três cozinheiros em quem mais se fiasse, e fossem a ver o tempero das caldeiras e ao cozer da dita carne do Santo Espírito, e que avisasse que não dormisse ele nem os outros, e que visse como tudo se faria até a carne ser toda cozida. E ele e os outros assim o fizeram, e toda a noite nunca dormiram até toda a carne ser cozida, e então se foi a El-Rei e lhe contou tudo, e como lhe não lançaram água nem vinagre mais que uma só vez. E as caldeiras ficaram em aquele ponto em que a primeira vez as puseram, com tanto caldo, afirmando o dito Martim Gonçalves ao dito Senhor que era grande milagre”.

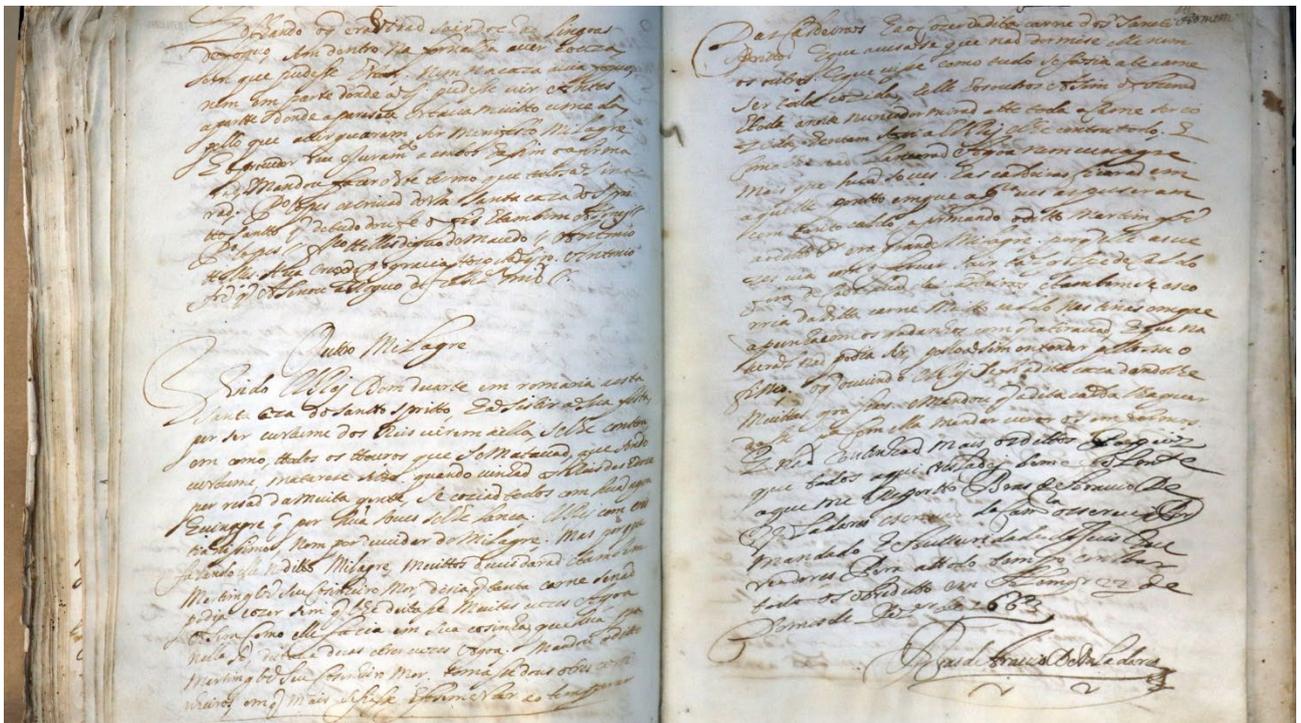


Imagem 11 - «O Outro Milagre», do Livro da Câmara de Alenquer, usado entre 1654 e 1672, escrivão Brás de Araújo de Valadares.

Descrições antigas falam de outros eventos que demonstravam a fama das festividades da época: danças e folias, toiradas, jogos de destreza, cavalhadas, entre outros. Sobre a cerimónia religiosa encontram-se nas Memórias Paroquiais descrições sobre a saída “de uma função” da Igreja do Espírito Santo até à Igreja do Convento de São Francisco composta pela bandeira da Confraria, músicos, crianças, damas, pessoas nobres, capelão e as insígnias da coroa e da pomba. É ainda descrito um outro festejo que se realizava no “sábado, véspera do dia do Espírito Santo”. Devido à

riqueza dos pormenores transcreve-se de seguida a descrição dos elementos e rituais dessas cerimónias (transcrição completa do documento no anexo 2):¹⁴

“Por costume antiquíssimo e acórdãos da dita Confraria, se fazia na dita Casa, em todos os domingos desde o de Páscoa até o do Espírito Santo, uma função chamada Império, que saía da dita igreja, em que ia diante a bandeira da Confraria, acompanhada com trombetas, com duas pelas bailando aos ombros de homens, por serem meninas de pouca idade. Logo uma dança das antigas do reino, depois muitas pessoas nobres, a que se seguiam duas moças donzelas toucadas e bem vestidas em corpo, a que chamam damas, e, entre elas, um menino nobre, que leva nas mãos uma espada larga sem copos com cruz e punhos dourados e bainha de veludo, chamada estoque, e dizem que fora do dito Rei Dom Dinis, servindo assim o dito menino de pajem do imperador, que é um homem nobre, que vai logo detrás, e ultimamente um capelão, com um prato grande de prata dourado, e nele uma coroa imperial da mesma matéria, com uma pombinha, figura do Espírito Santo; e se encaminhava toda esta comitiva até à igreja do Convento de São Francisco, onde bailavam as ditas damas, antigamente ao som da gaita e tamboril, e modernamente com um homem que juntamente tocava viola, e depois, pondo-se o dito imperador de joelhos nas escadas do altar-mor, era coroado com a dita coroa por um padre do dito convento, revestido de capa de asperges, e voltava toda a dita comitiva pela praça, e outras ruas da vila, até à dita Igreja do Espírito Santo, onde um capelão revestido, depois de dar a beijar ao imperador uma cruz com o Santo Lenho, lha tira da cabeça e, nas suas mãos, a beijam todos os circunstantes. E depois saíam todos para a varanda de baixo, onde o imperador se sentava debaixo de um rico dossel de brocado, e as ditas damas e menino do estoque aos seus pés, e logo quatro pessoas, das mais autorizadas que ali se achavam, lhe iam oferecer frutos e vinho, com as mesmas reverências que se fazem a majestade, e repetia então a mesma dança o homem da viola, com as ditas damas, e de novo tornavam os mesmos homens nobres, ou fidalgos, a ir oferecer doce e águas ao dito imperador, com as mesmas cerimónias, e nelas dava fim esta função (...)”

“(...) No sábado, véspera do dia do Espírito Santo, de tarde, há também outra função, que por tradição já escrita em livros antigos se diz que principiara por um voto, que em tempo do Rei Dom Afonso II [reinou entre 1211 e 1223] fizera esta vila à Senhora da Assumpção, que se venera na Igreja Paroquial de Triana da mesma vila, se esta, por interceção da mesma Senhora, se livrasse da peste que então houve neste reino. Principalmente se prende um rolo de cera bento, a que chamam candeia, em o altar-mor da Igreja de São Francisco e daí se vai continuando a estender, preso nas paredes, pelas ruas da dita vila, até o altar-mor da dita Igreja da Senhora de Triana. Logo se ajuntam na dita Igreja de São Francisco todo o clero secular e regular, nobreza, justiças e senado da Câmara desta vila, com as suas insígnias, e também o dito imperador, com dois homens dos principais delas para fazerem a figura de reis, e, ajoelhando todos no altar-mor, são todos três coroados por um padre revestido com capa de asperges, o imperador com a dita coroa imperial e, aos seus lados, os dois reis com coroas de prata abertas, todas com a pombinha figura do Espírito Santo, e depois sai todo este ajuntamento em procissão, precedendo a bandeira da dita Confraria acompanhada de pelas e trombetas, e no fim vai o dito imperador, entre os dois reis, levando diante as ditas damas e pajem, com o estoque. E discorrendo pelas ruas da vila, rodeadas do dito rolo ou candeia, entram na sobredita Igreja de Triana onde fazem oração (...)”

¹⁴Descrição realizada posteriormente, já no século XVIII, quando as festas já teriam perdido muito do seu esplendor. Texto de Pedro da Silveira, Prior da Freguesia de São Pedro da Vila de Alenquer, a 15 de abril de 1758. (A.N.T.T., Memórias Paroquiais, vol. 2, n.º 46-a, pp. 367-377).

Considerando a pesquisa realizada pelo Arquivo Histórico do Município de Alenquer, vários documentos atestam o contínuo apoio da realeza à Casa do Espírito Santo de Alenquer durante o séc. XV (anexo 4):

“O rei D. Duarte, por volta de 1435, deu licença aos mordomos para trazerem das matas da Ota a lenha e qualquer madeira necessária para o bodo. Sua mulher, D. Leonor de Aragão, pela mesma altura, encontrando-se em Alenquer, outorgou à Albergaria uma carta de privilégio. Afonso V confirmou, em 1450, a licença dada por D. Duarte relativa à lenha para o bodo e, em 1462, ratificou a carta de sua bisavó, D. Beatriz, tomando «em sua ajuda e defesa a albergaria dessa Confraria com seus homens, herdades e gados»” (Folgado, 2010, p.41).

Já o texto denominado «Milagre que aconteceu na Casa do Espírito Santo», remete para um suposto milagre que aconteceu mais tarde, no séc. XVI. Relata um juramento assinado por testemunhas, provedor, mordomo e escrivão da mesma Casa, a 5 de maio de 1543. Este juramento refere-se ao dia em que, depois da limpeza das caldeiras da cozedura dos touros do bodo, deu-se um milagre – aqueles que executaram essa tarefa viram línguas de fogo a sair por debaixo das caldeiras, sem que nada o justificasse, pelo contrário, tudo estava húmido e nada poderia alimentar aquele fogo a não ser a graça do Espírito Santo:

“Andando como é costume um Pedro Garcia, hospitaleiro da Casa, e Isabel Martins, moradora na Silveira, termo desta vila de Alenquer, limpando a cova debaixo das caldeiras em que se cozem os touros para o bodo, depois de a terem limpa, e querendo ir buscar fogo para acenderem a fomalha, viram, debaixo das caldeiras, grande claridade, e, olhando o que era, viram sair do chão línguas de fogo, sem dentro, na fomalha, haver coisa em que pudesse estar, nem na casa havia fogo, nem em parte de onde ali pudesse vir, antes a parte de onde apareceu estava muito húmida, pelo que averiguaram ser manifesto milagre”.

De referir que estes episódios milagrosos amplamente divulgados, junto com a proteção dos monarcas, as doações e a importância social dos confrades justificavam o “prestígio e riqueza de que [a Casa] então gozava” (Folgado, 2010, p. 41). Os registos históricos apontam, assim, para festejos de grande esplendor durante quatro séculos – entre o séc. XIV e o séc. XVII. Em relação aos confrades, uma lista realizada pelo Arquivo Histórico Municipal (anexo 3) atesta a notoriedade das personalidades que estavam à frente da Confraria do Espírito Santo de Alenquer. Entre eles, Afonso de Albuquerque e Damião de Góis:

“Um dos confrades, inscrito no ano de 1500, foi Afonso de Albuquerque, mais tarde célebre como governador da Índia, que era de Vila Verde dos Francos, antiga sede de um pequeno município. Outro foi Damião de Góis, o mais notável alenquerense de todos os tempos, que era irmão de Francisco de Macedo, provedor da Casa (...). Damião de Góis terá com a Casa do Espírito Santo de Alenquer uma relação estreita. Confrade desde 1521, quando tinha 19 anos, ali viria a inscrever, em 1549, a mulher, D. Joana de Argem, e os filhos, Manuel,

Ambrósio, Rui e Catarina. Preso pela Inquisição em 1571–72, virá a declarar que, quando estava em Alenquer, ia ouvir missa à Ermida do Espírito Santo, a cuja Casa fez várias ofertas” (Folgado, 2010, p. 41).

Folgado (2010) refere mesmo que terá sido o prestígio dos confrades e a riqueza da Casa de Alenquer que a pouparam “da primeira reforma da assistência pública em Portugal, que teve como consequências, entre outras, a centralização hospitalar e o incentivo à fundação de confrarias de Misericórdia”. Isto no reinado de D. Manuel I, entre os séculos XV para XVI, altura em que muitas das Casas do Espírito Santo foram transformadas em Misericórdias. Contudo, tendo escapado à transformação, a Casa de Alenquer não deixou de ser atingida pela reforma com o Rei D. Manuel a ordenar “que a Casa fosse dirigida por um provedor, escrivão e mordomos. O provedor então escolhido foi Francisco de Macedo, em cuja descendência se manterá a provedoria até à extinção da Confraria” (p.41).

É no séc. XVIII que os registos denunciam o declínio do culto, da casa, da igreja e das festas do Espírito Santo em Alenquer. Com grandes perdas de rendimentos, tanto o funcionamento da Casa como a conservação do património da Confraria ficam em risco, nomeadamente o património edificado. Em 1705, a Rainha D. Catarina envia para a Câmara de Alenquer uma carta que enuncia a decadência do edifício do hospital, sendo “necessário realojar os enfermos pobres, pondo-se então, como hipóteses, transferi-los para o da Misericórdia ou criar um hospital novo. Por 1730 é a igreja que ameaça ruína, sendo então reedificada” (Folgado 2021, p.41). Guilherme Henriques, historiador local, refere que em 1750 as festas já tinham perdido a sua glória primitiva [(1873) (1902) 2002]. Entre outubro e novembro de 1810, a invasão francesa precipita o fim da Casa. “A igreja sofreu bastante dano e as casas contíguas foram incendiadas e quase reduzidas a ruínas, perdendo-se o arquivo” (Costa 2014, p.1). Por fim, a Casa é oficialmente extinta em 1834, sendo os seus bens e rendimentos anexados à Santa Casa da Misericórdia de Alenquer (Folgado 2010, Costa 2014).

A atualidade – a revitalização das festas

Durante todo o séc. XX, e após mais de 150 anos de interrupção, existe ainda o registo da celebração das festas do Espírito Santo na vila de Alenquer a 19 de maio de 1945. Segundo Francisco Câncio (1956), por iniciativa da Junta da Província da Estremadura organizou-se naquela data uma “recriação” dos festejos à imagem do que teriam sido no séc. XVII (pp. 221–222), uma espécie de “cortejo”, ou “recriação histórica” das celebrações.

Isto não quer dizer que o culto não se tenha realizado de forma mais discreta em várias localidades do concelho, como veremos mais adiante que aconteceu, por exemplo, na Ota ou em várias aldeias da freguesia de Aldeia Galega da Merceana (onde existem testemunhos das festas nos anos 30 e até mais recentemente, após o 25 de abril de 1974, em Casais Brancos). Mesmo na vila de Alenquer a celebração do Pentecostes, dia por excelência do Espírito Santo, foi sempre uma data muito celebrada.

Para além do esplendor das FIDES na vila de Alenquer, são evidentes vestígios da presença de confrarias e casas do Espírito Santo em diversas terras do concelho, nomeadamente os antigos locais de culto como, por exemplo: as capelas do Espírito Santo de Aldeia Gavinha, Aldeia Galega, Arneiro, Atalaia, Paúla, Pereiro de Palhacana e a Igreja do Divino Espírito Santo da Ota.¹⁵

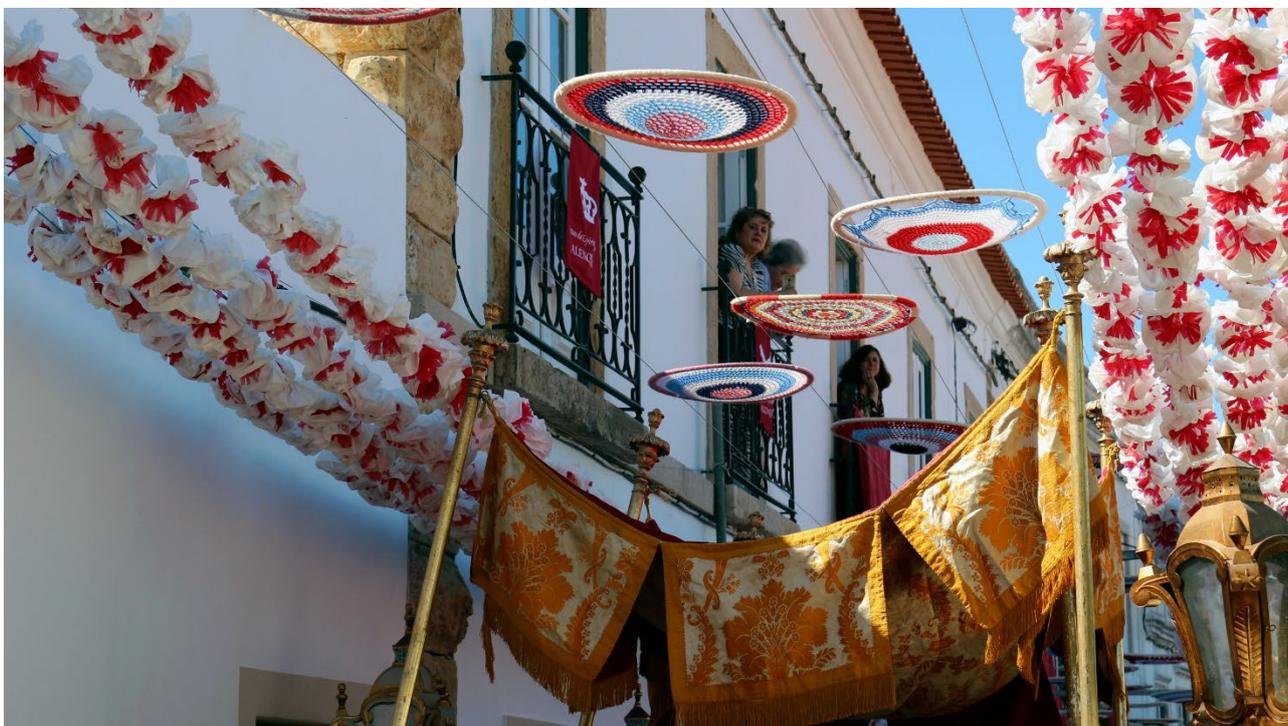


Imagem 12 - Pormenor de uma rua da vila de Alenquer durante a Procissão do Espírito Santo no domingo de Pentecoste (2022).

É, contudo, no início do séc. XXI que se inaugura, no concelho, um processo de revitalização das festas do Espírito Santo de Alenquer. Conforme refere o historiador Filipe Rogeiro (2022),¹⁶ a recuperação das celebrações era um assunto recorrente entre representantes de várias entidades locais e entre diversos curiosos da história local – membros de associações, de paróquias, políticos, Câmara Municipal, Misericórdia, entre outros. Mas terá sido em 2000, quando o Cardeal D. Manuel Clemente (então Bispo Auxiliar de Lisboa) assumiu a responsabilidade pastoral pela região onde Alenquer se insere, que essa vontade foi veemente defendida, tendo sido decisivo quer o incentivo do Cardeal junto do pároco de Alenquer – o Padre José Eduardo Martins –, quer o entusiasmo do próprio pároco (que na altura era também o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer). Importante foi ainda o interesse e a disponibilidade do então vereador da Câmara Municipal de Alenquer, Luís Rema, (2022)¹⁷ para consubstanciar esse processo.

Sobre a revitalização das festas o Diácono Duarte João d'Oliveira (2022), atual membro da Comissão das FIDES de Alenquer (em representação da Paróquia de Alenquer), refere:

¹⁵Em Casais Brancos, Vale Benfeito e Paiol com igrejas recentemente contruídas.

¹⁶Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa. Também membro da Comissão das FIDES de Alenquer enquanto representante da Câmara Municipal de Alenquer.

¹⁷ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa. Atual Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer.

“O Padre José Eduardo Martins, já falecido, (...) era um interessado [pela história local], aliás tem várias publicações sobre a história do concelho de Alenquer, e portanto foi muito fácil o D. Manuel Clemente, deixe passar a expressão, “picar” o pároco para restaurar as festas. Porque era um bocadinho esta a convicção: (...) são festas que alma do povo bebeu e apreciou e, portanto nesse sentido, (...) bastaria soprar as brasas (...) dessa festa para o lume surgir de novo com todo o seu vigor”.

Havia, porém, uma questão importante a resolver antes de se poder “pensar” na revitalização das festas. Segundo Luís Rema (2022), a Igreja do Divino Espírito Santo, propriedade da Misericórdia, “estava encerrada para obras há alguns anos. As obras tinham alguma complexidade, não havia dinheiro (...), talvez [esse] fosse o problema maior para que as obras não se fizessem de uma forma célere. E de facto essas obras decorreram durante alguns anos [da Igreja e da albergaria]”. No entanto, Luís Rema e o Padre José Eduardo Martins acordaram que reiniciariam o projeto de revitalização das festas assim que “a Igreja estivesse plena do seu virtuosismo, (...) pronta para ser inaugurada e para ser usada ao culto”. “E assim aconteceu”, conclui Rema, “esta conversa deve ter acontecido em 2004–2005 e depois, em 2007, proporcionou-se o regresso das festas”.



Imagem 13 - Igreja e Albergaria do Espírito Santo de Alenquer 1941 (Arquivo Histórico Municipal de Alenquer)

O Diácono Duarte João (2022) acrescenta que o facto de o Padre José Eduardo Martins ser simultaneamente o prior e o provedor da Misericórdia, entidade sucedânea da Casa do Espírito Santo, proprietária dos imóveis que careciam de obras, facilitou a conjugação de tudo, a concretização do restauro e o reinício das festas.

Entretanto, neste meio tempo, entre a finalização das obras e o reinício dos festejos, definiu-se a composição da então nomeada Comissão das Festas do Império do Divino Espírito Santo de Alenquer – as Paróquias, a Santa Casa da Misericórdia e a Câmara Municipal de Alenquer.

Assumindo a Comissão que esta iniciativa partiu de parcerias institucionais em 2007, hoje, 15 anos depois, o envolvimento de dezenas de praticantes/organizadores nas diversas localidades do concelho e de milhares de participantes nos diversos eventos das festas, leva-os a acreditar na convicção descrita anteriormente pelo Diácono: *“bastaria soprar as brasas (...) para o lume surgir de novo com todo o seu vigor”*.



Imagem 14 - Pormenor do Largo do Espírito Santo na vila de Alenquer durante a Procissão no domingo de Pentecostes (2022).

É ainda o Diácono que descreve detalhadamente os princípios que estiveram na base da revitalização das celebrações, assumindo de modo inequívoco a influência da “narrativa Isabelina” e a devoção à Rainha Santa. Explica que a Comissão podia ter seguido duas formas de concretizar os festejos: ou “fazíamos uma espécie de arqueologia – íamos à ‘poeira’ de 700 anos atrás buscar as festas no modelo em que a Rainha Santa as concretizou e reproduzíamos a coisa tal e qual”; ou tentavam imaginar o que a Rainha Santa Isabel teria em mente quando instaurou as festas mantendo “o objetivo que ela queria atingir”, esclarece. Optaram pela segunda hipótese. Pensando na Rainha como uma “alma caridosa”, “angustiado” com “o sofrimento dos mais fragilizados e dos pobres, uma pessoa plena de caridade, cheia de vontade de ajudar, uma construtora da paz”, decidiram que o mais importante era replicar e promover os valores da Rainha e o espírito das festas, dinamizando um modelo que permitisse, nos dias de hoje, “difundir a paz, a fraternidade e a solidariedade”. Assim, mantendo elementos básicos da tradição – as celebrações religiosas (missas e procissões) e o bodo – adaptaram os festejos ao séc. XXI e àquilo que as comunidades consideraram razoável e pertinente realizar nos

dias de hoje. Modelo em que “o detalhe da concretização tem-se vindo a afinar ano após ano e hoje, 15 anos depois, não é exatamente a mesma coisa que fizemos [no início], o espírito é que é o mesmo”, conclui o Diácono.

Pormenorizando o modelo adotado Duarte João explica que “as festas assentam num tripé”. Em primeiro lugar, na perspetiva religiosa, são festas Pascais. No seu entender, a maioria das pessoas associa a Quaresma a um período (quarenta dias) onde vão acontecendo vários eventos: as procissões dos passos, as procissões do enterro, as vias-sacras, as práticas tradicionais do jejum e uma atitude de caridade mais intensa. Já quando se fala em Páscoa o que vem à mente das pessoas é somente o domingo de Páscoa, mas segundo o Diácono isso não deveria acontecer. A Páscoa também é um período de festa que deve ser marcado por celebrações, esse foi o propósito da revitalização dos festejos, o preenchimento deste período Pascal:

“Se a Quaresma foram quarenta dias [de] caminhar penitencial, a Páscoa são cinquenta dias de festa. (...) E isto às vezes escapa[-nos] (...). O tempo Pascal vai do domingo de Páscoa durante sete semanas, oito domingos, até ao domingo do Pentecostes, que é o domingo do Espírito Santo por excelência. E portanto, (...) uma das coisas que se procurou (...) com as festas do Espírito Santo foi preencher um tempo que estava habitualmente vazio. A Quaresma que era a preparação estava muito cheia, depois a Páscoa que era a festa [estava vazia], havia aqui um contrassenso. (...) A ideia é preencher este tempo com festa, com vida em abundância, todo este tom que às vezes falta ao período Pascal. Por isso as festas arrancam no domingo de Páscoa, pautam todos os domingos subsequentes, até chegar como a um cume, a um momento culminante no domingo do Pentecostes, cinquenta dias depois (...)” (Diácono Duarte João, 2022).

O segundo pilar das festas é a ação social e a solidariedade enquanto ação do Espírito Santo. “Como já disse antes, essa era a grande preocupação do coração da Rainha Santa, e continua a ser a nossa preocupação”, continua o Diácono explicando que, sobre este aspeto, diferentes iniciativas foram promovidas ao longo dos últimos 15 anos. No início destacaram práticas de “bem-fazer” das coletividades, associativismo, escolas, outras instituições e indivíduos do concelho (enquanto obras inspiradas na ação e nos “dons” do Espírito Santo). “Ultimamente, e (...) este ano vai ser de novo assim, esta solidariedade vai concretizar-se sobretudo numa partilha, com os mais pobres e os mais carenciados (...). As comunidades são convidadas a trazer daquilo que é seu, dos seus bens, alimentares e outros, vestuário, etc., e depois a Ação Social da Câmara Municipal encarrega-se de fazer chegar [esses bens] aos mais carenciados”.

Por fim, como terceiro pilar, o Diácono refere a concretização efetiva das festas: as missas, as procissões e o bodo. “Elementos que não podem faltar. E mesmo hoje, quando estes cinquenta dias do tempo pascal, e os domingos que o integram, estão preenchidos com as festas que se realizam nas várias localidades do concelho, estes elementos estão lá”.



Imagem 15 - Preparativos para a Procissão do Espírito Santo de Pereiro de Palhacana (2022).

Ainda sobre os primeiros anos da revitalização dos festejos o historiador Filipe Rogeiro (2022) acrescenta que, ao contactarem com confrarias e pessoas ligadas às capelas do Espírito Santo das diversas localidades, encontraram um vasto património ligado ao culto e às festas no concelho de Alenquer – coroas, imagens da Rainha Santa, bandeiras, etc. “Até recuperámos em casas particulares, uma coroa que sendo do povo estava ali guardada... talvez há 100 anos [referindo-se à coroa do Paiol].” Esta abordagem às comunidades locais realizou-se inicialmente com o objetivo de sensibilizar e suscitar interesse pela revitalização das festas. Assim, nos primeiros anos, em cada um dos domingos, a Comissão das FIDES de Alenquer organizou palestras explicando em cada localidade a génese do culto e dos festejos e citando as referências que sabiam haver daquela terra nesse processo. As comunidades foram ainda convidadas a participar nos festejos da vila de Alenquer “e portanto, tomaram-lhe o gosto”, refere o Diácono Duarte João acrescentando que com essa iniciativa as pessoas ficaram sensibilizadas e motivadas para participar na organização das celebrações nas suas próprias terras e, mais recentemente, o Carregado, que não tinha registo desta tradição, decidiu juntar-se aos festejos:

“Foi muito curioso, porque depois começaram a ir às gavetas das sacristias, aos baús, às vezes até de famílias particulares, onde começaram a descobrir: ‘Olha está aqui a nossa coroa! Olha está aqui a nossa bandeira! Olha está aqui o nosso galhardete!’. E portanto esse espólio foi sendo recuperado e foi-se gerando um movimento natural. Isso é que é importante nestas coisas. É não irem de ‘cima para baixo’, mas brotarem espontaneamente da alma do povo (...).”

“E hoje todas estas terras, de facto, já seguem um modelo sobre o ponto de vista da procissão, bodo, missa, etc., semelhante ao que terá sido aqui em Alenquer, e ao que terá sido no passado. E, mais ainda, uma outra terra que não tendo essa tradição no passado bebeu da ideia e juntou-se também, e agora faz as festas como realidade recente, atual, o Carregado”.



Imagem 16 - Estandarte do Espírito Santo do Carregado no início da procissão nos Cadafais (2022).

Sobre o envolvimento da Câmara Municipal de Alenquer na promoção e salvaguarda das Festas, Rui Costa (2022),¹⁸ Vereador da Cultura, realça o papel do Congresso Internacional do Espírito Santo organizado em 2016. Refere que “depois de dois anos de intenso trabalho a Câmara Municipal de Alenquer, como resultado de um estreito trabalho de parceria com a Confraria da Rainha Santa Isabel de Coimbra e várias instituições científicas nacionais e internacionais, organizou durante sete dias em Coimbra, Lisboa e Alenquer o Congresso Internacional do Espírito Santo, um momento de extrema importância para o concelho e que se revelou um espaço de encontro fraterno e de partilha”. De acordo com o autarca, este evento permitiu promover a pesquisa e a investigação em torno do culto e das Festas do Espírito Santo e “deu a conhecer ao mundo ‘Alenquer’ enquanto berço das referidas festividades e, do ponto de vista da cultura popular, como se vivem e se recriam as tradições do Espírito Santo, nas comunidades nacionais e internacionais da diáspora portuguesa”.

Para Rui Costa o Congresso marcou um ponto de viragem nas festividades locais retomadas nove anos antes, em 2007, “fruto da visibilidade que as nossas festas tiveram junto de congressistas de todo o mundo que levaram esta mensagem consigo para todo o lado, e com esta afirmação territorial do concelho até aos dias de hoje, as Festas têm-se reinventado e reaproximado de inúmeras outras localidades portuguesas e estrangeiras que as mantiveram sempre bem vivas ao longo dos tempos”.

¹⁸ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa.

Foi a partir desta iniciativa que se estabeleceram importantes relações e contactos com outras comunidades festivas, como por exemplo: uma geminação com o Município de Angra do Heroísmo, um protocolo de cooperação cultural com o Município de Ponta Delgada e diversos contatos com outros concelhos do país, como Fundão, Santa Cruz das Flores, Santa Cruz da Graciosa, Horta, Tomar, Torres Novas, Vagos e com outras comunidades dos Estados Unidos, Canadá, Brasil e Cabo Verde. “Destes contatos têm os programas culturais e recreativos das festas do Espírito Santo de Alenquer beneficiado de inúmeras manifestações de cultura popular e erudita, vindas dessas outras periferias do globo”, conclui Rui Costa.

O autarca refere que à parte “dos pilares das festividades do Espírito Santo de Alenquer, assentes na sua componente religiosa através das missas, procissões, bodos e espírito solidário, decidiu a Comissão Organizadora das Festas atribuir ao Município de Alenquer, um papel de ‘quase’ mordomo das festas”, financiando a sua organização e desenvolvendo em paralelo um extenso programa cultural e recreativo. Para Rui Costa este programa “tem como missão promover a reunião das pessoas e facilitar-lhes a congregação de vontades em torno de um ideal comum, o do encontro e da concórdia, o da fraternidade e da partilha, o da harmonia, justiça e paz, valores que nos permitem todos os dias sonhar com a esperança na possibilidade da construção de um futuro mais justo e mais fraterno na nossa casa comum que é o planeta terra”.

Rui Costa fala da “premissa de reinvenção e modernização das festas numa vertente mais cultural e mais atrativa para a população mais jovem e/ou mais afastada das festividades religiosas, como estas são entendidas, ainda que em muito ultrapassem esse desígnio na sua vertente mais humanista e espiritualista” e destaca o projeto da Câmara Municipal desenvolvido pelos seus colaboradores Cláudia Luís e Pedro Fortuna que, devido a uma “dedicação e compromisso inigualáveis”, ajudaram a devolver as festas a todos os munícipes e a promover o seu envolvimento na organização das mesmas. Refere, por exemplo, que este projeto “conseguiu mobilizar centenas de alenquerenses, das mais pequenas aldeias à zona mais urbana, para iniciativas de embelezamento e enquadramento cenográfico da vila, com centenas de milhar de flores nos tetos do Caminho da Rainha Santa, com tapetes de flores naturais nas ruas da vila, com instalações artísticas diversas no percurso entre a Igreja do Espírito Santo e o Convento de São Francisco”.

Ainda sobre a transmissão e salvaguarda das festas do Espírito Santo de Alenquer, Rui Costa evidencia o trabalho realizado com e por diversos grupos da população, referindo que hoje as FIDES de Alenquer:

“Também são as festas das crianças nas escolas que pintam e decoram as pombas e coroas; também são as festas dos lares e centros de dia dos idosos que fazem flores; também são as festas dos seniores que disponibilizam o seu tempo livre para fazer rendas e enfeitar o espaço público; são as festas dos voluntários que montam quadros, que penduram flores, que cozinham bodos, que servem sopas, como já não se via há muito tempo, há muitos anos. São as festas de todos... num clima de paridade, de indistinção de etnias, nações e estatutos sociais, representando mais uma tentativa de concretização da utopia da fraternidade universal, atualizando a esperança e afrontando a crise global que vivemos numa busca incessante de encontrar caminhos de superação e de progresso em favor do melhoramento da vida humana.

(...) Hoje em 2022, as Festas do Espírito Santo de Alenquer são uma oportunidade única para cada um de nós reatar os fios perdidos de uma herança de séculos que tem um encanto e grandeza incomparáveis e um alto valor espiritual. São a oportunidade única para comungar da partilha do pão, da carne e do vinho, num claro anúncio de um reino de igualdade, de amor, de liberdade, de generosidade e de abundância justamente repartida entre todos, à simples distância de um gesto ou de uma ação”.

PARTE II

AS FIDES EM ALENQUER

Neste capítulo descrevem-se as FIDES de Alenquer de acordo com os festejos protagonizados por cada uma das oito localidades envolvidas nestas celebrações durante o ano de 2022 (de 17 de abril a 5 de junho): Alenquer; Aldeia Galega (incluindo as localidades de Arneiro, Casais Brancos, Paiol e Vale Benfeito); Aldeia Gavinha;¹⁹ Atalaia; Carregado; Paúla; Pereiro de Palhacana e Ota.

Serão, deste modo, abordados os preparativos dos festejos; os locais de culto; as suas insígnias; as cerimónias religiosas e o bodo, tal como o significado dos festejos para os diferentes atores envolvidos nestas celebrações.

ALENQUER

“Nós acreditamos nesta força do Espírito que sopra onde quer e que vai trabalhando o coração dos homens e que não deixa de nos surpreender. E as festas têm toda esta valência, não é apenas uma manifestação religiosa, mas é muito mais do que isso, porque o Espírito Santo é universal” (Dácono Duarte João, 2022).

Os festejos de abertura e encerramento das FIDES acontecem na vila de Alenquer. As festas iniciam com a Entronização das insígnias – a coroa e o estandarte – no primeiro fim de semana, no domingo de Páscoa. Continuam nos domingos seguintes pelas diversas localidades do concelho e terminam, com a procissão da luz, a missa, a procissão do Espírito Santo e o bodo no último fim de semana, no domingo de Pentecostes, novamente na vila.

Após a missa de Páscoa na igreja do Convento de S. Francisco em Alenquer há a cerimónia de abertura das festas. Uma pequena procissão entra na igreja com os dois símbolos da festa do Espírito Santo, transportados por jovens. A coroa e a bandeira. Estes são colocados junto ao altar, entronizados, acompanhados por um cântico de louvor. Aí são incensados. Com esta cerimónia assinala-se o início das Festas.²⁰

¹⁹ Como já foi referido, em 2022 Aldeia Gavinha associou-se às comemorações em Aldeia Galega, realizando aí os festejos.

²⁰ Que em 2022 aconteceram no dia 17 de abril.



Imagem 17 - Entronização em Alenquer (2022).

No fim de semana de Pentecostes, as ruas da vila que recebem as festas de encerramento das FIDES estão decoradas com arcos e frontões de flores.

No sábado, a Procissão da Luz, realizada à noite, parte da igreja do Espírito Santo, sobe até à praça Luís de Camões onde está a Câmara Municipal e termina na igreja do Convento de S. Francisco. Todo o percurso está ladeado por candeias, a que se juntam as velas transportadas pelos participantes, criando uma mancha de luz que se desloca pela vila.

“É uma procissão muito participada, sobretudo pelos jovens, (...) que se vão crismar, receber o sacramento do Espírito Santo no dia seguinte. São os jovens que se encarregam de organizar esta Procissão da Luz”, explica o Diácono Duarte João (2022).

Esta procissão tem uma estrutura simples. À frente seguem o crucifixo e a bandeira do Espírito Santo acompanhados por um pequeno grupo de jovens. Seguem-se os padres, o diácono, mais jovens e o coro. Atrás e numa extensa fila, vêm os restantes participantes, muitos transportando uma vela acesa.

No domingo, dia de Pentecostes,²¹ são colocados tapetes de flores no chão, em frente à Câmara Municipal e em frente da igreja do Espírito Santo.

Durante a manhã, e até ao início da missa, vão chegando à igreja do Convento de S. Francisco os representantes das festas de todo o concelho com as respetivas insígnias e oferendas simbólicas.

Após a missa solene presidida por um bispo, normalmente o patriarca de Lisboa, começa a procissão do Espírito Santo, que é a mais extensa que se faz em Alenquer.

²¹ Que em 2022 calhou no dia 5 de junho.



Imagem 18 - Procissão da Luz na vila de Alenquer (2022).



Imagem 19 - Procissão da Luz na vila de Alenquer (2022).



Imagem 20 - Embelezamento das ruas da vila de Alenquer com flores no domingo de Pentecostes (2022)



Imagem 21 - Procissão do Espírito Santo em Alenquer (2022).



Imagem 22 - Bispo, párocos e diácono na Procissão do Espírito Santo em Alenquer (2022).

À frente segue um grupo musical com gaitas de foles, bombo e caixa.²² Segue-se o grupo que transporta o crucifixo e o estandarte da festa, depois os representantes das freguesias e outras forças vivas locais, como os escuteiros, a irmandade do Senhor dos Passos e as misericórdias. Seguem-se as delegações das confrarias e representantes das festas organizadas nas outras localidades do concelho com os seus pendões, coroas, bandeiras e oferendas (pão e vinho). No meio da procissão segue o palanque com o Bispo, padres e acólitos, seguido pelos representantes políticos da vila. Depois marcha a banda filarmónica²³ e, finalmente, o extenso grupo de participantes civis na procissão. A banda filarmónica e o grupo de gaitas de foles tocam em simultâneo mas a extensão da procissão é tal que o som de ambas não se sobrepõe.

A procissão desloca-se lentamente pelas ruas da vila alta, contorna o Largo Luís de Camões andando sobre os tapetes de flores colocados em frente ao edifício da Câmara Municipal, e segue pela Rua Pêro de Alenquer até ao Castelo. Aí curva para a Calçada Damião de Góis, por onde desce até atingir as margens do rio que atravessa na zona de Triana para seguir pela parte mais recente da vila. A procissão prossegue até voltar a atravessar o rio e deter-se no Largo do Espírito Santo onde se desenrola uma curta cerimónia da bênção do pão que as freguesias trouxeram em oferenda. A procissão desloca-se novamente até à igreja do Espírito Santo onde se depositam os estandartes, coroas e bandeiras. Os participantes retiram as opas²⁴ e todos se encaminham para o bodo junto à igreja e à albergaria.

²² Em 2022, o grupo Orquestra de Foles.

²³ Em 2022, a Sociedade Filarmónica Musical Alenquerense (SUMA).

²⁴ Capas sem mangas, com aberturas para enfiar os braços, usada por confrarias e irmandades religiosas em cerimónias.



Imagem 23 - Orquestra de Foles que encabeçou a Procissão do Espírito Santo em Alenquer (2022).



Imagem 24 - Pormenor do bodo em Alenquer (2022).

O bodo de Alenquer é extenso e rico, com diversos grupos a oferecer as sopas do bodo, acompanhadas por pão, pequenos salgados, doces diversos, vinho e outras bebidas. Os participantes da procissão, habitantes locais e visitantes espalham-se pela área do bodo num convívio que se prolonga pelo fim da tarde.

“A mesa tem um condão. Quando um grupo se senta à volta de uma mesa, gera-se naturalmente um espírito de convivialidade, criam-se laços, constroem-se amizades novas, surgem namoros (...) é assim, o amor está lá! Portanto, pôr à volta de uma mesa toda uma comunidade, isso é bom, é positivo” (Diácono Duarte João, 2022).

Em 2022, à semelhança do que tem acontecido nos anos anteriores, a Câmara Municipal desenvolveu uma série de atividades paralelas aos festejos que incluíram um programa cultural com diversos concertos de música sacra, teatro, dança, pintura e conferências. Também esteve presente uma delegação do Império da Ilha Terceira, dos Açores, que ofereceu a toda a população um bodo terceirense no dia 4 de junho.

ALDEIA GALEGA (e ALDEIA GAVINHA)

“O Espírito Santo é algo que nos inspira, que nos ajuda, que nos manda para a vida. Que nos dá força e coragem” (Teresa Serrão, 2022).²⁵

Teresa Serrão (2022), uma das cuidadoras da celebração em Aldeia Galega da Merceana, lembra que as pessoas mais velhas da aldeia diziam que, no passado, a Festa era muito vivida e decorria no Largo do Pelourinho, onde se fazia um grande arraial. A última referência a esta celebração na imprensa parece ser a do jornal *Diário de Notícias*, citado por Manuel J. Gandra (2003),²⁶ que indica que em 1926 as festas ao Espírito Santo desta localidade ainda se faziam, “muito animadas” e com “larga concorrência de forasteiros”. Estima-se que em Aldeia Galega as celebrações terminaram nos anos 30–40 do séc. XX.²⁷



Imagem 25 - Largo do Espírito Santo em Aldeia Galega durante os festejos (2022).

Em 1518 residiam nesta localidade alguns confrades da Casa do Espírito Santo de Alenquer: os cavaleiros João Leitão, juiz ordinário e Martim de Miranda. Em 1525 passaram a fazer parte daquela irmandade o escudeiro Manuel Leitão e sua mulher Guiomar Rebelo, também da Merceana (Gandra, 2003).

²⁵ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da organização dos festejos em Aldeia Galega.

²⁶ Citado por Folgado, 2012.

²⁷ Segundo Teresa Serrão: “As pessoas mais idosas com quem eu falei (...), já [tinham] oitentas e tais [e lembravam-se da festa acontecer] quando eram novas” o que parece situar o fim da festa algures entre os anos 30-40 do séc. XX.

Num livro pertencente à antiga confraria, há um registo de 1556 que descreve esta celebração nos seguintes termos: “Incorporavam-se na procissão todos os homens bons, o juiz, o meirinho que transportava a coroa de prata e desempenhava as vezes do Imperador, seguidos por uma dança e pelas rezas que se haviam de oferecer ao povo, junto ao pelourinho, depois de abatidas. Os festejos concluíam com um lauto banquete [o bodo] em que participava toda a população” (Gandra, 2003, citado por Folgado, 2012, p.1).

A celebração recomeça nesta aldeia em 2007, tal como em Alenquer. Segundo Teresa Serrão, as pessoas mais idosas que ainda tinham memória desta festa acolheram com agrado este ressurgimento, mas foi necessário explicar às gerações mais novas a importância da mesma. Hoje, assiste-se a uma grande participação da população nesta celebração. De acordo com a mesma: “quando nós organizamos a festa do Espírito Santo, as pessoas são muito de partilhar, de se juntarem (...). Eu acho que, provavelmente, o Espírito Santo ajuda cada uma dessas pessoas a participar no evento, é algo coletivo”, refere demonstrando a sua crença no culto.

Atualmente, a celebração parte da igreja de Nossa Senhora dos Prazeres situada no largo do Divino Espírito Santo.²⁸ Nesse mesmo largo situa-se a pequena capela do Espírito Santo, onde ainda hoje se pode ver a sala anexa à nave que servia de abrigo-hospital para o tratamento de enfermos. Esta capela está aberta durante a celebração e é usual os participantes passarem primeiro por ela, para um momento de recolhimento e oração, antes de se dirigirem à igreja para a missa.

A capela possui várias iconografias dedicadas ao Espírito Santo, desde o frontal do altar com aves, ramagens e, ao centro, a pomba do Espírito Santo (sec. XVII),²⁹ um baixo-relevo em pedra e uma pintura a óleo alusivos ao tema do Pentecostes, até ao painel exterior de azulejo, mais recente.



Imagem 26 - Baixo-relevo alusivo ao Espírito Santo da Capela de Aldeia Galega (2022).

²⁸ Em 2022, a celebração aconteceu no dia 24 de abril.

²⁹ Digitile Gulbenkian, *Capela do Espírito Santo, Aldeia Galega da Merceana : frontal de altar de aves e ramagens ao centro a pomba do Espírito Santo*, in <https://digitile.gulbenkian.pt/digital/collection/jmss/id/1825/> [Acesso 3/11/2022]

O Largo do Espírito Santo é o ponto de encontro para várias aldeias da freguesia que participam em conjunto na missa, leituras, procissão e no ofertório do bodo. Algumas destas comunidades, como Casais Brancos,³⁰ mantêm as suas festas, mas fazem questão de estarem representadas nas celebrações de Aldeia Galega. As comunidades organizam-se para o ofertório de um modo informal. “Casais Brancos traz os tremoços, o Arneiro traz o vinho, o Paiol traz pão...”, refere Teresa Serrão.

A celebração inicia com a missa do Espírito Santo, onde estão expostos, perto do altar, os estandartes e as coroas das comunidades participantes – Casais Brancos, Paiol, Arneiro, Casal Benfeito e Aldeia Galega. Há indícios de que as coroas de Arneiro e de Paiol datem do séc. XVI, as restantes são mais recentes, quase todas adquiridas após o reinício desta celebração.



Imagem 27 - Missa do Espírito Santo nas celebrações de Aldeia Galega (2022).

Segue-se a procissão que percorre as ruas centrais da aldeia, onde grande parte das casas exhibe faixas de pano vermelhas com uma pomba branca bordada (símbolo do Espírito Santo). Teresa Serrão refere que qualquer pessoa se pode voluntariar para transportar os estandartes e coroas durante esta procissão. A abrir o desfile vai um gaitero contratado para o efeito.³¹ Logo a seguir seguem os porta-estandartes intercalados pelos portadores das coroas. Depois seguem as oferendas simbólicas, transportadas num cesto de vime; os representantes das diversas comunidades e de confrarias e, finalmente, os sacerdotes seguidos pela população participante. Ana Maria Timóteo, de Aldeia Gavinha (2022),³² realça que esta é “uma procissão que não tem andores”. Este é um pormenor

³⁰ Segundo os testemunhos recolhidos em Casais Brancos, as Festas ao Espírito Santo aconteciam em agosto.

³¹ Em 2022, o gaitero Tiago Morais.

³² Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da organização dos festejos em Aldeia Gavinha.

simbólico significativo, interpretado por vezes como uma forma de concentração dos crentes na sua fé, na comunidade e nos ideais solidários que partilham.



Imagem 28 - Procissão do Espírito Santo nas celebrações de Aldeia Galega (2022).

A procissão termina onde começou, na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, aí depõem-se novamente os estandartes e coroas e assiste-se a um concerto musical cuja programação é da responsabilidade da Câmara Municipal de Alenquer.³³ À saída do concerto são oferecidos tremoços aos participantes, que se encaminham para o local do bodo.

O bodo é organizado no Largo do Pelourinho pela junta de freguesia de Aldeia Galega e Merceana. Aqui é servida, a todos os que quiserem, a sopa do bodo em grandes panelas. A receita desta sopa foi transmitida aos atuais organizadores pelas gerações anteriores. Os detentores deste conhecimento têm como missão continuar a passar a receita às próximas gerações. A base da sopa é a carne de vaca, com alguns legumes. No passado, tinha-se a convicção de que esta sopa iria ajudar quem a comesse a ter mais força para trabalhar ao longo do ano, pois compensava a dieta pobre, comum entre os habitantes locais. Em complemento é servido pão, enchidos, doces caseiros, fruta, vinho da região e outras bebidas. O bodo é encarado como um momento de convívio. Segundo Susana Coelho (2022),³⁴ de Paiol, o bodo tinha e continua a ter um significado que é o mais importante: “a ajuda a todos [e] que somos todos iguais (...) e daí termos tanto orgulho no Espírito Santo e [continuamos] a dar muito valor a este símbolo (...), até porque é algo muito antigo, que vem já de séculos”.

³³ Em 2022, protagonizado pelo Grupo Mosaico Espiritual, o concerto “Programa Mater Dei” com Patrícia Gabriel, Carolina Figueiredo e Daniel Oliveira.

³⁴ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da organização dos festejos do Paiol.



Imagem 29 - Bodo em Aldeia Galega (2022).

Aldeia Gavinha

Em 2022 a comunidade de Aldeia Gavinha integrou os festejos de Aldeia Galega. Mas de forma intercalar, a festa realiza-se na aldeia, e nesses anos a comissão local trata da organização da procissão, da decoração da igreja e da preparação do bodo.

Existe em Aldeia Gavinha, uma ermida dedicada ao Espírito Santo com azulejos datados do séc. XVII. Em meados do século XVIII, o Dicionário Geográfico de Luís Cardoso (1747–1751), dá-nos conta que “neste Lugar se acha uma Ermida do Espírito Santo antiga, e ainda nela se conserva aquela antiga festividade, que faziam com Imperatriz ao Domingo do Espírito Santo, indo desta igreja ao lugar da Merceana à igreja da mesma Senhora da Merceana, aonde se juntam outras Imperatrizes de outros Lugares” (p. 212).

Maria Fernanda Miguel (2022),³⁵ hoje com 61 anos, diz não ter memória de haver procissão do Espírito Santo em Aldeia Gavinha. Diz que “a capela dedicada ao Espírito Santo, (...) não estava em uso” e só há cerca de 35 anos foi restaurada por “um grupo de pessoas da terra”. Recorda ainda que “havia histórias contadas pelos nossos avós, mas de sentido pagão [pois] a capela tinha sido, numa época, uma taberna”. Refere que também não tinham coroa, mas a comunidade angariou meios para comprar uma.

³⁵ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da organização dos festejos de Aldeia Gavinha.



Imagem 30 - Capela do Espírito Santo de Aldeia Gavinha (2022).

Ana Maria Timóteo (2022),³⁶ explica que quando se organizam as festas começa-se, na semana anterior, pelo embelezamento da aldeia com as colchas que se vão buscar a Alenquer ou a outra comunidade do concelho onde elas estejam. A Comissão das FIDES de Alenquer estabelece com as organizações locais do concelho, um calendário das festas para não sobrepor datas e otimizar meios de apoio, entre os quais as colchas vermelhas decoradas com a pomba branca que são utilizadas nas janelas e varandas das aldeias durante a procissão. As pessoas que pretendem usar as colchas, vão solicitá-las à comissão local e mais tarde devolvem-nas para novo uso noutra aldeia. Maria Fernanda refere que, “entretanto, as pessoas começaram a fazer os seus estandartes com a pomba do Espírito Santo, começaram a organizar-se e guardam-nos de uns anos para os outros” nas suas casas. Ana Maria Timóteo acrescenta que, nos anos em que a festa se realiza em Aldeia Gavinha, na manhã escolhida para a procissão, começa a preparação do bodo. Durante a tarde para a cerimónia religiosa, as comunidades vizinhas também comparecem: “aparecem as coroas da vizinhança – a Aldeia Galega aparece, Alenquer aparece... as pessoas participam, vão à procissão e levam a coroa (...) e também vai o estandarte de Santa Maria Madalena que é a nossa padroeira”. A confraria do Senhor dos Passos de Alenquer também é presença assídua nesta procissão.

Na procissão, o tocador de gaita de foles segue à frente, seguido dos porta-estandartes, nomeadamente os de S. Luís, Senhora do Monte, Montegil, S. Sebastião da Mata e outros pertencentes a paróquias vizinhas que se querem associar à festa, as irmandades, as coroas e o estandarte do Espírito Santo. Depois vem o padre e a população. A procissão faz o percurso da “procissão maior” e termina na capela do Espírito Santo.

³⁶ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da organização dos festejos de Aldeia Gavinha.

Depois, as pessoas seguem para a associação para o bodo onde se serve a sopa, que é muito apreciada por todos. Ana Maria refere que esta é uma sopa de carne cozida, com hortaliça, feijão, chouriço e, quando está quase pronta, junta-se a massa para ficar mais espessa. No fim junta-se hortelã e coentros picados, “que são o segredo” local, comenta sorrindo. O bodo é ainda guarnecido com arroz-doce, tremoços e outros doces e salgados que as pessoas trazem para a mesa.

Arneiro

A comunidade do Arneiro, fazendo parte da freguesia de Aldeia Galega da Merceana participa nos festejos do Espírito Santo dessa localidade. Em entrevista, Carla Pereira, fala da Capela do Arneiro (2022),³⁷ “umas das mais antigas com o tema do Espírito Santo, uma joia, pela riqueza artística que tem. Com painéis de azulejo que a recobrem quase totalmente, [e] com o seu retábulo policromado”. Este retábulo bem como uma pintura a óleo contém referências claras ao Espírito Santo, representando a cena do Pentecostes. No teto do altar, existe uma pintura sobre madeira com a pomba. Também no exterior, na fachada principal, existe um pequeno painel de azulejo com uma representação da pomba.



Imagem 31 - Retábulo da Capela do Espírito Santo no Arneiro (2022).

À guarda da capela está a coroa, feita de prata, que se supõe do séc. XVI. A coroa é exibida na festa anual da aldeia e nos eventos dedicados ao Espírito Santo, como a procissão de Aldeia Galega da Merceana e a procissão de Alenquer.

³⁷ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade do Arneiro.

Esta capela é o testemunho físico da presença da Confraria do Espírito Santo no Arneiro, que é referida também num testamento de 1571. Segundo Folgado (2012):

“Em 1571, no lugar do Arneiro, foi redigido o testamento de João Afonso, de alcunha o Rebolão, e de sua mulher, Violante Pires, aí moradores. Nele declararam que deixavam os seus bens de raiz à Confraria do Espírito Santo do mesmo lugar, para que fossem arrendados, e que, do produto destas rendas, metade fosse gasta em missas por alma do testador e a outra metade gasta em ‘vestir pobres e socorrer aos necessitados. Deixaram ainda uma cama de roupa ao Hospital deste lugar’. Ou seja, a confraria, capela e hospital anexo, que eram administrados pelo povo do lugar do Arneiro, datam, pelo menos, do século XVI. Ali se conservam ainda a coroa imperial de prata, a cruz processional, ambas do mesmo século XVI, e o estandarte do Espírito Santo, testemunhos seguros da realização antiga da Festa” (p.2).



Imagem 32 - Coroa do Espírito Santo do Arneiro (2022).

Casais Brancos e Vale Benfeito

No lugar de Casais Brancos, da freguesia de Aldeia Galega da Merceana, ainda hoje e à imagem do que acontecia no passado, as festas anuais são celebradas em honra do Espírito Santo (com início no segundo domingo de julho).

Maria da Conceição Gomes (2021)³⁸ lembra-se da festa do Espírito Santo ser em agosto, nos anos 30–40 do séc. XX. Nessa altura, fazia-se a missa campal, contratavam-se músicos que percorriam a aldeia e faziam-se bailaricos no largo. Diz que não se fazia a procissão. Luís Cipriano (2021)³⁹ conta que os mais velhos lembram-se da banda de música vir à festa “tocar valsas e tangos”, refere que na altura a festa “tinha duas bandas a tocar ao desafio”. As pessoas faziam dois coretos e com as “coisas que apanhavam aí no campo – murta, alecrim e rosmaninho – faziam um arraial (...) muito bonito, tudo enfeitado à moda antiga”.

Luís Cipriano acrescenta que nos anos 60–70 houve um interregno das festas, até se dizia: “Olha a Festa caiu dentro de um poço, nunca mais de lá saiu!”. Explica que foi depois do 25 de abril que a comunidade criou a primeira Comissão de Moradores e decidiu restaurar a festa do Espírito Santo tal como é hoje: com quermesse, coreto, arraial, bailes e a “banda ao domingo [de manhã para] fazer o peditório, [quando] se leva o estandarte do Espírito Santo de porta em porta, (...) [e à] tarde, para a procissão”.

Com o dinheiro angariado nas festas, a comissão construiu a capela do Espírito Santo e o salão da coletividade.



Imagem 33 - Capela do Espírito Santo de Casais Brancos (2022).

³⁸ Em entrevista, em representação da comunidade de Casais Brancos.

³⁹ Em entrevista, em representação da comunidade de Casais Brancos.

Existe uma curiosa tradição nesta aldeia que relaciona as origens da celebração do Espírito Santo com o vento, indica Luís Cipriano. Diz-se que em “tempos idos” havia mais de duzentos moinhos em Casais Brancos e os moleiros da região fizeram a promessa de organizar a festa ao Espírito Santo na aldeia caso fossem abençoados com vento todo o ano. A lenda diz que esse foi o motivo porque começaram os festejos naquela localidade e porque, ainda hoje, por altura da festa há sempre “um grande vendaval”. Os mais velhos até costumam dizer: “Não há de a festa ter vento, ela foi feita para pedir vento”.

A presença de Casais Brancos nos festejos de Aldeia Galega onde “havia uma grande Festa do Espírito Santo no Pentecostes” é tradição de longa data. “Aí é que dizem que havia esse bodo com sopa e com carne”, comenta Cipriano, acrescentando que desde que revitalizaram esses festejos, uma delegação de Casais Brancos desloca-se a Aldeia Galega para marcar presença nas celebrações, levando consigo a sua coroa e estandartes.

Acerca destas insígnias, houve um tempo em que as aldeias de Casais Brancos e Vale Benfeito partilhavam o mesmo estandarte. “A posse e guarda do estandarte alternava entre as duas comunidades conforme aconteciam as celebrações”. Mais tarde Casais Brancos comprou a parte do de Vale Benfeito e ficou com o estandarte antigo só para a sua comunidade, enquanto Vale Benfeito comprou um novo estandarte. Atualmente Casais Brancos possui dois estandartes, o antigo e um mais recente oferecido por uma família local (Luís Cipriano, 2021).

Paiol

Paiol é um lugar próximo da Aldeia Galega da Merceana. Os membros da atual confraria deslocam-se em representação do Paiol às celebrações do Espírito Santo de Aldeia Galega e de Alenquer. Levam consigo a coroa e o estandarte com a bandeira.

Segundo Susana Coelho (2022),⁴⁰ a coroa do Paiol, chegou aos nossos dias guardada “de família em família, de geração em geração (...) e muito recentemente entrou na confraria do Divino Espírito Santo [do Paiol] (...). Sempre que há uma festa, esta coroa é o símbolo dessa festividade e terá de estar sempre presente”. A capela do Espírito Santo em Paiol é de construção recente. “Antes, a população ia assistir à missa numa capela que era de uma propriedade privada”.

A coroa de Paiol é mais pequena que as outras coroas do concelho (a mais parecida será a do Arneiro), provavelmente destinada a uma criança que atuava como filho do imperador, segundo algumas interpretações. Susana Coelho refere que encontram-se coroas muito semelhantes nos açores, nas Festas do Império. Também se deve considerar que esta coroa poderia servir para uma Imperatriz. Existe pelo menos uma descrição do séc. XVIII, já aqui citada, que indica que nesta região, vários lugares festejavam o domingo do Espírito Santo com a figura da Imperatriz (Cardoso, 1747–1751).

Tal como nas outras localidades a iconografia presente nesta coroa é dominada pela representação da pomba, o que atesta a prática das celebrações do Divino Espírito Santo desde o séc. XVI, onde a mesma seria usada. Ainda não foram encontradas outras provas documentais que estabeleçam sem

⁴⁰ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Paiol.

dúvida, a existência de uma confraria no local. No entanto, existem “testemunhos orais que dão conta de uma antiga procissão neste lugar” (Folgado, 2012, p.2).



Imagem 34 - Coroa do Espírito Santo do Paiol (2022).

Todas as localidades que se deslocam a Aldeia Galega para os festejos do Espírito Santo fazem-se representar no encerramento das FIDES na vila de Alenquer, no dia de Pentecostes, nas cerimónias religiosas e no bodo.

ATALAIA

“O Espírito Santo, o Espírito de Deus, suscita em nós este movimento de sair de nós próprios. Para partilharmos, para darmos vida, para cuidarmos” (João Sobreiro, 2022).⁴¹

A Igreja do Espírito Santo, em Atalaia, é testemunho da existência da ação de uma irmandade do Espírito Santo nesta aldeia desde tempos recuados. Com uma traça que remete, pelo menos, ao século XV, tem na sua fachada a representação emblemática do Espírito Santo em azulejo do sec. XVII. Sobre o púlpito, encontra-se uma figuração de Pentecostes executada em baixo-relevo de calcário, provavelmente datada entre os séculos XV e XVI, com vestígios de policromia. A capela-mor tem, entre outras obras, um painel de azulejos do século XVIII, representando a recolha do Maná⁴² (Melo, Guapo & Martins, 2002), reforçando a ideia da partilha de alimentos entre todos.

Diz Cidália Ribeiro (2022)⁴³ que a paróquia começa a preparar a festa engalanando as ruas. A Câmara empresta as colchas que se colocam nas janelas e varandas da aldeia. Ao longo do percurso são colocados cartazes com referências bíblicas sobre o Espírito Santo. Segundo o padre João Sobreiro, essas inscrições são “uma forma de catequese que conduz as pessoas à devoção ao Espírito Santo, à oração”, que ajuda a retomar uma tradição “que esteve perdida muito tempo” (2022).



Imagem 35 - Preparativos para a Procissão do Espírito Santo em Atalaia (2022).

⁴¹ Pároco em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Atalaia.

⁴² Episódio do milagre da recolha de Maná do alimento produzido por Deus para o povo israelita durante a estadia no deserto, quando seguia rumo à terra prometida.

⁴³ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Atalaia.

A festa⁴⁴ inicia com a missa em Cortegana, na igreja de Nossa Senhora da Saúde. Depois da missa a procissão sai em direção a Atalaia.⁴⁵

À frente segue o músico tocando gaita de foles⁴⁶ seguido de um grupo que transporta o crucifixo processional, a bandeira do Espírito Santo e a coroa. Atalaia não tinha coroa do Espírito Santo mas, no ano de 2022, a Câmara Municipal realizou uma “espécie de contrato de comodato” sobre uma nova coroa que cedeu à paróquia, “a título permanente”, explica o padre João Sobreiro.

Segue-se um grupo de sete crianças dispostas em semicírculo e levando uma fita vermelha cada, que simboliza um dos sete “dons” atribuídos ao Espírito Santo: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade, temor de Deus. As fitas convergem para o centro do semicírculo, onde um adulto as segura na outra ponta. Atrás deste grupo vai o padre seguido pelas forças vivas presentes e, finalmente, a população residente e visitantes.



Imagem 36 - Pormenor da Procissão do Espírito Santo em Atalaia — as fitas dos "dons" (2022).

A procissão termina na Igreja do Espírito Santo em Atalaia, depois de um percurso por algumas ruas da aldeia. Os participantes assistem a um sermão na igreja, a que se segue o bodo.

Sobre a sopa do bodo diz Cidália Ribeiro que “nas primeiras festas era a partilha. Um dava a cenoura, outro dava a batata, outro o nabo (...). Depois começámos nós a comprar, algumas pessoas ajudavam a pagar e havia sempre alguém que fazia a sopa. Agora é o restaurante Pátio Velho que faz e oferece

⁴⁴ No ano de 2022 realizou-se no dia 22 de maio.

⁴⁵ De referir que em 2022, antes da cerimónia religiosa, realizou-se na Igreja um concerto do Quarteto Opus sobre o tema “Viagem com o Espírito Santo”, promovido pela Câmara Municipal.

⁴⁶ Em 2022, o gaitero Gustavo Portela.

a sopa. É uma sopa recheada, consistente”. Além da sopa, são colocados nas mesas diversos alimentos salgados e doces que são trazidos pelos habitantes da aldeia.

Para o padre João Sobreiro, o momento do bodo remete para a reminiscência dos valores de entreatura que caracterizava o culto, mas que ainda hoje é tão necessário: “a irmandade do Espírito Santo e as igrejas do Espírito Santo tinham um papel caritativo. De partilha, de dádiva (que está tão atual). Eu, como pastor que estou há nove anos nesta paróquia, sempre valorizei esta festa.”

No final das FIDES em Alenquer, no encerramento dos festejos, Atalaia faz-se representar com as suas insígnias na procissão.



Imagem 37 - Bodo da Atalaia (2022).

CARREGADO

“Nós somos todos muito diversos e muito diferentes, mas o Espírito Santo une-nos na nossa diversidade” (Padre Marco Martins, 2022).⁴⁷

Não há notícia da existência de uma igreja ou irmandade dedicada ao Espírito Santo no Carregado. No entanto, em 2015, a paróquia decidiu participar nas FIDES de Alenquer. Para o padre Marco Martins (2022), “a importância desta celebração é ser através do Espírito Santo que nós somos igreja e que podemos estar em conjunto (...). É através desta festa que nós percebemos a nossa união enquanto paróquia, na nossa multiculturalidade”. Esta é uma freguesia habitada por uma população diversa, com muitas comunidades migrantes, esclarece o pároco.

A festa⁴⁸ inicia na paróquia de Cadafais, na igreja matriz desta povoação, com uma missa. Esta igreja, construída no séc. XX, é a mais nova de uma série de lugares de culto erigidos no mesmo local ao longo do tempo. Um pouco afastada da povoação, parece dever a sua localização a uma lenda que referia a aparição de Nossa Senhora num zambujeiro. A primeira capela conhecida nesse local datava do sec. XVI, dedicada a Nossa Senhora das Candeias (Melo, Guapo & Martins, 2002).



Imagem 38 - Missa do Espírito Santo na Igreja dos Cadafais, Carregado (2022).

⁴⁷ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, como representante da comunidade de Cadafais e Carregado.

⁴⁸ Em 2022 realizou-se no dia 8 de maio, de manhã.

Após a missa, inicia-se a procissão que é encabeçada pelo músico tocando gaita de foles,⁴⁹ seguido pelo grupo que transporta o crucifixo. Após este, seguem dois pendões dedicados ao Espírito Santo. Um com a representação da coroa e outro com a representação da pomba. Ambos os pendões são transportados por três pessoas. Uma segura o pendão enquanto duas mantêm o equilíbrio do conjunto com a ajuda de cordões. Sucede-se o corpo de escuteiros que transportam duas bandeiras. Atrás deste segue o grupo com o pendão da igreja de Nossa Senhora da Assunção, de Cadafais, que inclui sete jovens que ostentam os pendões alusivos aos atributos do Espírito Santo. Fecha o grupo um jovem que transporta a coroa do Espírito Santo. Atrás e sucessivamente vêm o padre, os representantes das forças vivas locais, e a população que aderiu à procissão.



Imagem 39 - Procissão do Espírito Santo de Cadafais – Carregado (2022).

O percurso da procissão é longo, desde Cadafais em direção à igreja do Carregado, por estradas rurais. A meio é feita uma paragem na quinta de Vale de Flores, onde haveria uma antiga ermida dedicada a Nossa Senhora do Rosário de que há notícia em 1758 (Melo, Guapo e Martins, 2002). Aqui reza-se, no terreiro de entrada da quinta, a sequência pascal. Diz o padre Marco Martins (2022) que o objetivo é começar ali “a celebração da Palavra e distribuição da comunhão”. Após esta paragem a procissão segue para a igreja do Carregado, dedicada a Nossa Senhora de Fátima. Esta também é uma construção do séc. XX.

Chegados ao Carregado, os participantes acolhem-se na igreja, onde é realizada uma missa solene dedicada ao Espírito Santo. Depois da missa, no espaço ao ar livre em frente da igreja, as pessoas reúnem-se para o bodo. A sopa deste bodo foi preparada, em 2022, nas instalações do Centro

⁴⁹ Em 2022, o gaiteiro Tiago Morais.

Paroquial do Carregado. A receita para a sua confeção está em linha com as restantes sopas do bodo. Uma sopa com feijão, couves, carnes e massa de cotovelo, servida em grandes tachos.

A seguir, foi oferecido um espetáculo de música clássica, pela Câmara Municipal de Alenquer, que teve lugar dentro da igreja.⁵⁰

Também esta localidade se faz representar, no dia de Pentecostes, em Alenquer, nas celebrações do encerramento das FIDES.



Imagem 40 - Bodo no Carregado (2022).

⁵⁰ Em 2022, o Coro Staccato, com o concerto “Canto do amor e da amizade”, com direção musical do maestro João Sebastião.

OTA

“Acho que o Espírito Santo faz coisas maravilhosas a cada um de nós (...). E se me faz a mim, faz a outro meu irmão. Se estamos unidos, ele está no meio, e ele está a dinamizar tudo” (Carmina Honrado, 2022).⁵¹



Imagem 41 - Preparativos para a Procissão do Espírito Santo em Ota (2022).

Até aos anos 60 do séc. XIX as festas anuais da Ota eram feitas em honra do Espírito Santo, só depois passaram a ser em honra da Senhora da Piedade, explica Carmina Honrado (2022). Envolvida na organização dos festejos, Carmina descreve, emocionada, o significado que atribui ao culto do Espírito Santo:

“Se eu me pusesse a dizer o que isto significa para mim, acho vocês não se iam embora hoje [diz a sorrir]... Eu resumo em três partes: “O Espírito Santo é o mentor de toda a Igreja. É o que nos funde como cristãos. Portanto, nós somos cristãos do credo do qual nós professamos, com a realização e a função dinamizadora do Espírito Santo. É a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, todos eles são só um. Como pai de todos nós... (a gente diz ‘Deus pai, Deus filho, Deus Espírito Santo’, todos eles são só um). Se são só um, dinamizando todos num só, congregando toda esta gente em volta do mesmo, é um sentimento de família, de alegria, até de muita esperança – na nossa relação com Deus nesta vida, e para além desta vida (...). Este é o meu sentimento, mais do que a dinamização toda e de tudo o que se passa”.

⁵¹ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Ota.

São vários os vestígios materiais que testemunham a longa devoção da comunidade da Ota ao Espírito Santo. A existência da Igreja do Divino Espírito Santo na vila é por excelência um desses testemunhos. Por outro lado, a laje datada do ano de 1567 que se encontra no chão da mesma Igreja, junto ao arco da capela-mor, e onde se pode ler uma inscrição sobre doações privadas também demonstra a importância do culto: “*Aqui jaz Bastião Pires, lavrador, e sua mulher Ana Fernandes, os quais deixaram ao Espírito Santo, por sua devoção, três mil réis e um touro. Esta sepultura é para toda a sua geração*”.

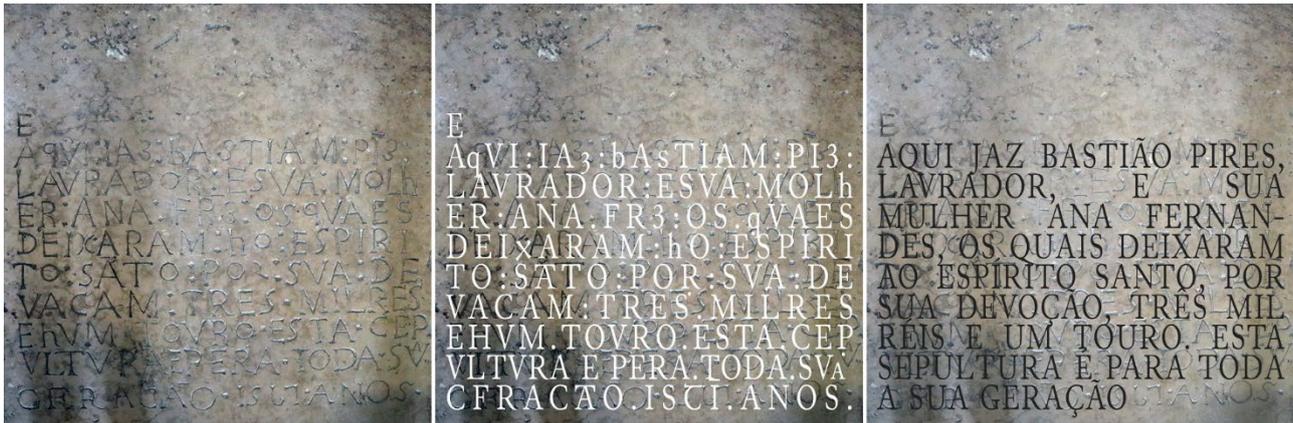


Imagem 42 - Laje de 1567 da Igreja do Espírito Santo da Ota, com transcrição da inscrição sobre doações ao culto (2022).

Segundo Folgado (2012), “uma notícia, do princípio do século XVIII, dá-nos conta de aqui existir um hospital para se recolherem os pobres. Outra informa-nos de ter aqui existido uma feira anual, que se realizava no domingo de Pentecostes, e que deixou de se fazer após as invasões francesas” (pp. 3–4). Sobre a feira anual Carminda Honrado refere que “os mais antigos, as pessoas das quintas, [diziam] que não se fazia apenas a festa religiosa e o bodo, mas havia uma feira”, onde as pessoas vendiam e trocavam os bens das suas hortas.

Seria ainda da Ota que o rei D. Duarte, por volta de 1435, deu licença aos mordomos para trazerem das matas a lenha e madeira necessária para o bodo de Alenquer (Folgado, 2010).

Carminda Honrado (2022) refere que o recomeço das festas, com o modelo que têm nos dias de hoje, “aconteceu depois do Padre José Eduardo Martins impulsionar essa dinâmica” e explica que, na atualidade, a paróquia elabora toda a parte da festa cristã – a missa e a procissão –, enquanto a junta de freguesia é responsável pela preparação do bodo. Esclarece, contudo, que no dia de Pentecostes a comunidade cristã já organizava as profissões de fé, ou seja “fazia-se nesta altura uma celebração mais festiva (antes da [revitalização] dos festejos do concelho dedicados ao Espírito Santo)”. Acrescenta ainda:

“Há, talvez quarenta e tal anos, tínhamos aqui um sacerdote, em que pelo menos por duas vezes fizemos a procissão do Espírito Santo. Não havia bodo, havia a procissão e nesse dia os miúdos faziam a profissão de fé. Havia um casal que tinha uma coroa do Espírito Santo à maneira antiga (diferente da atual, sem piquinho) e coroavam-se as crianças nessa celebração, [era] a profissão de fé (...). Portanto, houve um corte com a dimensão que tem hoje, mas dentro da Igreja sempre se manifestou este dia

como um dia especial. Até porque a nossa paróquia é a paróquia do Divino Espírito Santo e, mesmo no seio da Igreja, mesmo sem haver as festas, havia sempre uma celebração mais festiva”.

A semana dos festejos inicia com o embelezamento das ruas com as colchas, bandeiras e bandeirolas que a Câmara Municipal de Alenquer e a Junta de Freguesia providenciam.

No fim de semana das celebrações, no domingo à tarde,⁵² realiza-se a missa seguida de procissão. O gaitero vai à frente,⁵³ seguido do guião da Nossa Senhora da Conceição e dos estandartes da junta de freguesia e de associações locais. Depois vão os estandartes dos convidados (outras localidades que participam nos festejos do Espírito Santo, com os seus estandartes), seguem-se elementos da Confraria do Senhor dos Passos de Alenquer, os quadros alusivos aos “dons do Espírito Santo”, o estandarte do Espírito Santo da paróquia (oferecido por um local, o Engenheiro Góis), a coroa da Ota (também oferecida, neste caso, por Joaquina Contente), as coroas de outras localidades, o pároco e acólitos e, por fim, representantes de entidades políticas locais – da Câmara Municipal e Junta de Freguesia – e a população. De referir que, curiosamente, Carminda Honrado menciona a existência, de “uma coroa do Espírito Santo muito antiga” que, sem explicação particular, é usada nas celebrações do 8 de dezembro, na imagem da Nossa Senhora da Conceição, mas não nos festejos do Espírito Santo.



Imagem 43 - Procissão do Espírito Santo em Ota (2022).

⁵² Que em 2022 calhou no dia 15 de maio.

⁵³ Em 2022, o gaitero Tiago Morais.

A procissão percorre quase todas as ruas da localidade, partindo da Igreja do Divino Espírito Santo e voltando depois à mesma igreja, onde as coroas, os estandartes e as pessoas são abençoadas à entrada, terminando aí a cerimónia.⁵⁴

O bodo realiza-se na cozinha social da Junta de Freguesia, ao lado da Igreja do Divino Espírito Santo. Segundo António Pereira (2022)⁵⁵ o bodo é composto pelas mais diversas iguarias alimentares e pela tradicional sopa “feita à maneira antiga”, uma espécie de sopa da pedra, com carnes variadas (vaca e porco), chouriço, massa, feijão, batata e couves. Carminda, acrescenta: “eu lembro-me da minha mãe fazer essa sopa, que era a sopa que se dava antigamente às pessoas com mais dificuldades. Aquela panela estendia-se a mais pessoas”.

Por fim, é de referir que tal como todas as outras comunidades envolvidas nas FIDES, a comunidade de Ota também se faz representar na festa do encerramento, na procissão de Alenquer, com a coroa e o estandarte.



Imagem 44 - Sopa do Bodo em Ota (2022).

⁵⁴ Antes do bodo, na Igreja, em 2022, a Câmara Municipal promoveu um curto concerto de música. Atuou o grupo Coral Cantata Viva, com o concerto “Música em torno do Espírito Santo”, dirigido pelo maestro José Rui Fernandes.

⁵⁵ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, membro da Junta de Freguesia e representante da comunidade de Ota.

PAÚLA

“O Espírito Santo acaba por ser aquela entidade que nos dá aquela força, aqueles dons (...) e se tivermos fé acreditamos que é através dele que conseguimos (...) levar a nossa vida da melhor forma” (Sandra Pintéus, 2022).⁵⁶

O testemunho do Senhor Armando, já falecido, mas lembrado pela população como “o guardião da Capela” de Paúla, é várias vezes mencionado para evocar as antigas práticas da comunidade local relacionadas com o culto do Espírito Santo. Na época de seu pai, a Capela de Nossa Senhora do Ó ainda seria denominada de Capela do Espírito Santo.⁵⁷ Também um documento entretanto encontrado nas finanças e onde o artigo da Igreja aparece como “Fábrica da Capela do Espírito Santo” é referido como um dos argumentos que incentivaram a comunidade da Paúla a associar-se a outras localidades do concelho e organizar, na sua aldeia, os festejos do Divino Espírito Santo de Alenquer.



Imagem 45 - Pormenor da Procissão do Espírito Santo em Paúla (2022).

Para Sandra Pintéus (2022), envolvida na dinamização das comemorações em Paúla, houve um motivo ainda mais importante: a fé e a devoção. “Se uma pessoa tem fé e é devota (...) faz todo o sentido dedicar estes festejos ao Espírito Santo, à terceira pessoa da Santíssima Trindade”.

⁵⁶ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Paúla.

⁵⁷ Segundo a lenda, depois de D. Afonso Henriques ter conquistado Santarém, na sua viagem a Lisboa, terá passado por aquela localidade e mandado construir a Capela, daí a placa que se encontra no alpendre de entrada com a inscrição: "Erigida em 1147". Sendo, por isso, considerada uma das Capelas mais antigas do concelho de Alenquer.

Sobre as festas, Sandra Pintéus explica que uma semana antes do domingo das celebrações, a população fixa pela aldeia bandeiras que produziu especificamente para esta ocasião, alusivas ao Espírito Santo e adornadas com o símbolo da pomba. Refere que o embelezamento das ruas faz-se apenas com uma semana de antecedência “para não se confundir” o calendário das festas, pois há celebrações a decorrer noutras localidades do concelho. Cada comunidade “tem o seu domingo” para comemorar o Espírito Santo, e com a decoração das ruas fica-se a saber que, naquele fim de semana, realizar-se-ão os festejos na Paúla. Sandra esclarece ainda que esta é uma tarefa partilhada entre homens e mulheres, mas “são os homens que sobem aos escadotes” e afixam as bandeiras nos locais mais altos, chegando por vezes a usar empilhadores.

Na semana de preparativos, o Coro local faz vários ensaios dos cânticos que irão fazer parte da liturgia de domingo.

Com mais antecedência, pelo menos quinze dias antes, afixam-se nas lojas e cafés da aldeia pequenos cartazes a solicitar contributos para o bodo – ingredientes para a confeção da sopa ou alimentos variados, como salgados, doces, bebidas e o que mais a população quiser ou puder dar. Sandra explica que mesmo sendo a organização a fazer a sopa, muitas vezes os ingredientes são doados por indivíduos, famílias ou instituições locais.



Imagem 46 - Quadros dos "dons" do Espírito Santo na procissão em Paúla (2022).

No domingo dos festejos,⁵⁸ a missa é totalmente dedicada ao Espírito Santo, com uma homilia sobre os “dons” do Espírito Santo – a sabedoria, a inteligência, o conselho, a fortaleza, a ciência, a piedade e o temor de Deus. De referir que a comunidade cristã da Paúla expõe, no altar durante a eucaristia, quadros alusivos a esses “dons” que são depois transportados por crianças na procissão.

⁵⁸ Que em 2022 aconteceram no dia 29 de maio à tarde.

Na procissão, depois do gaitero,⁵⁹ desfilam as insígnias do Espírito Santo, o estandarte e a coroa da Paúla. Sandra Pintéus refere que só adquiriram as insígnias depois da revitalização dos festejos no concelho. No primeiro ano organizaram as celebrações com insígnias emprestadas pela Câmara Municipal. No segundo ano adquiriram o pendão e no quarto compraram a coroa. Na procissão estão também presentes as bandeiras da Junta de Freguesia, da Coletividade e de Irmandades convidadas.

A procissão é curta. Os crentes saem da Capela do Espírito Santo, passam pela Coletividade, vão até ao largo da Rua do Comércio e voltam de novo para a Capela, onde, na entrada, a coroa, o estandarte e as pessoas são abençoadas, terminando aí a cerimónia religiosa. “Logo no primeiro ano decidimos que seria só na rua principal (...). Nem chega a uma hora (...), mas é o suficiente para assinalar o dia aqui na aldeia”, conclui Sandra.⁶⁰



Imagem 47 - Bênção no final da Procissão do Espírito Santo em Paúla (2022).

O bodo é oferecido na Coletividade. Quando os participantes chegam ao local já está tudo preparado, longas mesas com diversas iguarias alimentares – a sopa, tremoços, azeitonas, pão, carne assada, doces, salgados, vinho e outras bebidas. A sopa da Paúla leva feijão, carne de porco e vaca, toucinho, chouriço, batatas, couve, azeite e temperos. O pároco benze o bodo e começa o convívio e animação, com a atuação ou de um Rancho Folclórico convidado, ou do Grupo de Cantares da Paúla.

No fim de semana do Pentecostes, representantes da festa da Paúla costumam ir ao encerramento das celebrações em Alenquer, participando na procissão com a coroa e o estandarte e ficando depois para o grande bodo.

⁵⁹ Em 2022, o gaitero Tiago Morais.

⁶⁰ Antes de seguirem para o bodo, a Câmara Municipal oferece um concerto musical que acontece ainda dentro da Igreja. Em 2022 atuou Paulo Amorim com guitarra clássica.

PEREIRO DE PALHACANA

“Espiritualmente eu gosto muito daquele dia, não lhe sei dizer porquê, porque é daquelas coisas que não se consegue explicar, mas é um dia que me diz muito, eu gosto muito do clima que se cria” (Helena Rodrigues, 2022).⁶¹



Imagem 48 - Procissão do Espírito Santo em Pereiro de Palhacana (2022).

Com elementos arquitetónicos do século XVI (pias de água benta e arco do cruzeiro) a hoje denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Pereiro de Palhacana terá sido, no passado, uma Ermida do Espírito Santo, com hospital e confraria da mesma invocação (Folgado, 2012). Ainda no final do séc. XIX realizar-se-iam nesta localidade os festejos do Espírito Santo como é mencionado numa notícia do jornal local *Damião de Goes*, de 16 de junho de 1889:

«No Pereiro, teve lugar nos dias 9 e 10 a festividade do Espírito Santo. Por essa ocasião deram-se esmolas a vinte pobres, sendo de 600 réis aos mais necessitados e de 240 aos mais remediados. Deu-se também um bodo de tremoços e vinho a quem disto quis utilizar-se. A Confraria resolveu pedir licença à autoridade administrativa para que o bodo que se der no próximo ano conste de pão e carne, por julgar de nenhuma utilidade e quase irrisório o facto de serem dadas aquelas substâncias em bodo a pobres».

⁶¹ Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Pereiro de Palhacana.



Imagem 49 - Procissão do Espírito Santo em Pereiro de Palhacana (2022).

Sobre o bodo, Helena Rodrigues (2022), uma das organizadoras dos festejos no Pereiro, evoca a presença da Santa Isabel nas terras de Alenquer, a Rainha benemérita que, segundo os registos escritos, no dia do Espírito Santo mandava matar reses para se fazer sopa para distribuir à população. Recorda, ainda, testemunhos antigos que afirmavam não haver sopa no bodo das terras mais pequenas, como o Pereiro. Nesses locais as pessoas mais abastadas mandavam distribuir tremoços e vinho. Informação idêntica à anteriormente citada na notícia de 1889, que relata a insatisfação da Confraria do Espírito Santo com tão parca refeição e que por isso pretende que no bodo do ano seguinte também se distribua pão e carne. De referir ainda o detalhe da notícia em relação aos valores das esmolas atribuídas aos mais necessitados e aos remediados, informação rara se considerarmos os registos locais.

Ainda sobre as reminiscências do culto no Pereiro, são também conhecidos documentos de registo de propriedade dos edificios situados à frente da Igreja, hoje pertencentes à Junta de Freguesia, cujas confrontações os nomeiam como pertencentes à antiga Irmandade do Espírito Santo (Helena Rodrigues, 2022).

A mudança da invocação e do nome da Ermida para Igreja da Nossa Senhora da Conceição terá acontecido no início do séc. XX.

Os registos escritos que relatam os antigos festejos do Espírito Santo realizados na aldeia e a devoção, ainda hoje bastante forte, na terceira entidade da Santíssima Trindade foram suficientes para que, no início da revitalização das FIDES de Alenquer, um grupo de representantes da localidade se tenha organizado para aderir às comemorações, dinamizando, no Pereiro, as respetivas cerimónias religiosas e o bodo.

Segundo Rosa Grácio (2022),⁶² também envolvida na organização das festas do Espírito Santo de Pereiro de Palhacana, os preparativos fazem-se um ou dois dias antes do domingo da cerimónia: decora-se com cuidado especial a Igreja e distribuem-se as colchas que a Câmara Municipal disponibiliza para os residentes decorarem as suas janelas e varandas. Nessa altura providencia-se a compra dos ingredientes necessários para a confeção da sopa e prepara-se a sala da Junta de Freguesia onde decorrerá o bodo.

No domingo das festas,⁶³ realiza-se a missa. Durante a homilia, em frente ao altar estão expostos a coroa, a cesta do pão e o barril do vinho. Numa das paredes ficam as bandeiras e estandartes. Elementos que saem, depois, em procissão.

No desfile dos crentes, a seguir ao gaiteiro,⁶⁴ vai a cruz com os estandartes – o da Nossa Senhora da Conceição, a do Espírito Santo do Pereiro, e os dos convidados, das irmandades e confrarias. Os bens alimentares anteriormente expostos na missa desfilam a seguir, antes do pároco e da coroa (que é usualmente transportada por uma criança). Por fim, os representantes de entidades locais, políticos e a população. A procissão sai da Igreja, vai à Quinta do Pereiro, volta em direcção à Junta de Freguesia e retorna à Igreja.⁶⁵



Imagem 50 - Bodo em Pereiro de Palhacana (2022).

Segue-se o bodo, com a distribuição da sopa e outros alimentos. Segundo Rosa Grácio (2022) a sopa que fazem no Pereiro leva carne de vaca e porco, chouriço de carne, repolho lombardo, feijão e massa

⁶² Em entrevista realizada no âmbito desta pesquisa, em representação da comunidade de Pereiro de Palhacana.

⁶³ Que em 2022 calhou no dia 1 de maio.

⁶⁴ Em 2022, o gaiteiro Artur Santos.

⁶⁵ Onde, em 2022, antes do bodo, a Câmara Municipal ofereceu o concerto “A sonata de Igreja no Barroco”, protagonizado por Marcos Lázaro e Daniel Oliveira.

de cotovelinho. “É uma sopa farta, como [se fazia] antigamente. As pessoas comiam aquela sopa e ficavam satisfeitas. E é muito boa”, afirma sorrindo.

Mais tarde, também os membros das festas do Pereiro se fazem representar, com as suas insígnias, no encerramento das FIDES em Alenquer, no domingo de Pentecostes.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Rui Pinto de «O Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente», *Lusitânia Sacra*, Tomo VI, Lisboa, 1962/63, pp. 7–23.

BRANDÃO, Francisco, *Monarchia Lusitana* (sexta parte), Lisboa, 1672.

CABRAL, Maria Elisabeth Figueiredo Cabral, NUNES, Maria Luísa Abreu, «Contributos para o Estudo das Festividades Populares em Louvor do Divino Espírito Santo do lugar do Penedo (Colares–Sintra)», *Sintria*, I–II (Tomo 1), 1982–1983, pp. 803–1028.

CÂNCIO, Francisco *Notas de um Ribatejano*, Ed. Instituto de Coimbra e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Lisboa, 1956, VI.

CARDOSO, Luiz – *Diccionario geografico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747–1751. In <http://purl.pt/13938> [Acesso 3/11/2022].

CORTESÃO, Jaime. *Os Descobrimentos Portugueses*, vol. I. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

COSTA, Rui, «A Casa do Espírito Santo de Alenquer, através de 'papéis antigos autênticos'», Comunicação realizada no *VI Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo*. Winnipeg/Canadá. 2014. Texto policopiado, pp.1–9.

COMISSÃO DE FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE ALENQUER, *Vestígios do culto do Espírito Santo por terras de Alenquer* [folheto], Alenquer, 2011.

CUNHA, Rodrigo da, *História Ecclesiastica da Igreja de Lisboa*, Lisboa, 1642.

DIGITILE Gulbenkian. *Capela do Espírito Santo, Aldeia Galega da Merceana: frontal de altar de aves e ramagens ao centro a pomba do Espírito Santo*. In <https://digitile.gulbenkian.pt/digital/collection/jmss/id/1825/> [acesso 3/11/2022]

ESPERANÇA, Manuel da, *Historia Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, I, Lisboa, 1656.

FERNANDES, Pe. Manoel. *Alma Instruída na Doutrina e Vida Christã*, vol. II. Lisboa, 1690.

FOLGADO, Pedro, «O Culto do Espírito Santo por terras de Alenquer», 2012. Texto policopiado, pp.1–5.

FOLGADO, Pedro, «Alenquer, Terra do Espírito Santo», Comunicação realizada no *IV Congresso Internacional sobre as Festas do Espírito Santo*, *Portuguese Heritage Publications of California, Inc*, San José, California, 2010, pp. 37–44.

GANDRA, Manuel J., *Dicionário do Milénio Lusíada*, vol. 1, Lisboa, 2003.

HENRIQUES (DA CARNOTA), Guilherme João Carlos, *Alenquer e seu concelho*, fac-simile da edição de 1873 e 1902, Arruda Editora, 2002.

- LACERDA, D. Fernando Correia de, *História da Vida, Morte e Milagres, Canonização e Transladação de Santa Isabel Sexta Rainha de Portugal*. Lisboa: João Galvão, 1680.
- LEAL, João, *O Culto do Divino. Migrações e Transformações*. Lisboa: Edições 70, 2017.
- LOURENÇO, Maria Paula Marçal, «A Casa das Rainhas e a Confraria do Espírito Santo de Alenquer: poderes senhoriais e patrocínio religioso», *Arquipélago, História*, 2ª série, vol. 5, 2001, pp. 651–668.
- MARTINS, José Eduardo Ferreira, *Alenquer 1758 – o atual concelho nas memórias paroquiais*, Arruda Editora, 2008.
- MEMÓRIAS PAROQUIAIS – A.N.T.T., *Memórias Paroquiais*, vol. 2, n. 46–a, pp. 367–377 de 1758.
- MORAIS, António Manuel, «A corrida à corda – tradição centenária», *Mediterrâneo*, n. 5/6, 1994/1995.
- MELO, António de Oliveira, GUAPO, António Rodrigues, MARTINS, José Eduardo, *O Concelho de Alenquer – Subsídios para um roteiro de Arte e Etnografia*, vols. 1–4, Câmara Municipal de Alenquer, Associação para o Estudo e Defesa do Património de Alenquer, 2.ª ed. 1991 e 2002.
- RIBEIRO, Luciano, «A Casa do Espírito Santo em Alenquer», *Damianus A Goes*, Grupo Amigos de Alenquer, números 2, 3, 1941, 1942, pp. 61–71.
- ROGEIRO, Filipe Soares, *Alenquer – Presépio de Portugal*, Ferraz & Azevedo, Lda. Sintra. 2005.
- SOARES, Maria Micaela, *Os Impérios Populares*. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa. 1983.
- VALE, Teresa e FERREIRA, Maria Ferreira, *Capela e Albergaria do Espírito Santo / Capela e Albergaria do Paço da Rainha Santa Isabel*. 1999. In <https://monumentos.gov.pt/Capela e Albergaria do Espírito Santo> [acesso em: 3/11/2022].

PARTE III

ANEXO 1

ENTREVISTADOS

Alenquer

Diácono Duarte João d'Oliveira
Paróquia de Alenquer / Comissão FIDES Alenquer

Rui Costa
Vereador da Cultura da Câmara Municipal de Alenquer

Filipe Rogeiro
Historiador CM Alenquer / Comissão FIDES Alenquer

Luís Rema
Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Alenquer/ Comissão FIDES Alenquer

José Joaquim Carvalho
Orlando Correia
Irmandade da Stª Cruz e Passos de N.º S.º Jesus Cristo de Alenquer

Aldeia Galega da Merceana

Teresa Serrão

Aldeia Gavinha / Aldeia Galega da Merceana

Ana Maria Timóteo
Maria Fernanda Miguel

Arneiro / Aldeia Galega da Merceana

Carla Pereira

Casais Brancos e Vale Benfeito / Aldeia Galega da Merceana

Luís Miguel Cipriano
Maria da Conceição Gomes

Paiol / Aldeia Galega da Merceana

Paulo Coelho
Susana Coelho
Dulce Marques

Atalaia

Cidália Ribeiro
Pároco João Sobreiro

Carregado

Pároco Marco Martins

Paúla

José Paulo

Sandra Pintéus

Pereiro de Palhacana

Almerinda Marques

Arminda Alves

Laura Batista

Maria Helena Rodrigues Rosa

Rosa Grácio

Suzete Carlos

Ota

António Pereira

Carminda Honrado

ANEXO 2

A Casa e as Festas do Espírito Santo de Alenquer nas Memórias Paroquiais (1758)

(Transcrição do Arquivo Histórico Municipal de Alenquer)

Há nesta freguesia, dentro na vila, dois hospitais, a saber: o da Misericórdia, de que se tratará quando se falar nesta Casa, e o do Espírito Santo, que hoje está reduzido só a uma albergaria. Foi este fundado, como consta por documentos que há no cartório da dita Casa do Espírito Santo, pela senhora Santa Isabel, rainha que foi deste reino, em o ano de mil trezentos e vinte, estando a dita Santa então nesta vila com seu marido El-Rei Dom Dinis, precedendo revelação divina e aparecendo milagrosamente riscados, ou abertos só á superfície, os alicerces da igreja que depois foi do dito hospital, a qual logo a dita Santa Rainha, pelo mesmo risco, mandou edificar à sua custa dando-lhe a invocação do dito Espírito Santo e mandando que todos os anos se celebrasse, com grande solenidade, a sua festa, e comprou gados que fossem rendendo para o dito hospital, cuja administração entregou logo aos moradores e homens bons da dita vila, que entre si instituíram confraria e compromisso e dotaram a dita Casa do Espírito Santo de algumas rendas, ficando esta e a dita confraria governadas por um juiz e dois mordomos, que se elegiam anualmente até o ano de mil e quinhentos e oito, em que o Rei D. Manuel lhe deu regimento por sua mão assinado, em que mandou que se governasse por um provedor e um escrivão perpétuos, que um despachasse e o outro processasse judicial e extrajudicialmente nos negócios e demandas da dita Casa e hospital. Porém, como os confrades não elegessem o dito provedor, passados alguns anos, nomeou a rainha neste cargo a Francisco de Macedo, natural da dita vila, filho mais velho de Rui Dias de Góis e de Inês de Oliveira de Macedo e meio-irmão do nobre cronista Damião de Góis, e, por morte deste, a seu filho Sebastião de Macedo, fidalgo da casa do Cardeal-Infante, depois Rei Dom Henrique, e seu camareiro e guarda-roupa, depois também vedor da sua casa, em cuja descendência sempre até agora se conservou a dita provedoria por eleição dos confrades, confirmada pelas rainhas, ora no ramo dos viscondes de Vila Nova de Cerveira, ora no dos antepassados do sobredito Gonçalo Tomás Peixoto da Silva Macedo Carvalho, que ambos descendem, por filhas, dos ditos primeiros provedores. Consta o edifício da dita Casa do Espírito Santo da igreja, que é de uma só nave com as paredes vestidas de azulejo de figuras moderno e o teto pintado da perspectiva e painéis; e tem três altares em capelas à face da mesma igreja, que são: o altar-mor, da invocação do Espírito Santo, e os dois colaterais, que é um da Senhora do Socorro, imagem muito antiga e de grande devoção, e outro da dita Santa. Consta também de umas casas nobres contíguas a mesma igreja, em que há muitos aposentos e duas grandes varandas, uma em cima, sustentada em colunas de pedra, e outra em baixo, com arcos de pedraria e pilares de ferro. Em a lógia de uma das salas se dá albergaria aos pobres peregrinos, e em outra, chamada a Casa do Bodo, há dois paióis, em que se põem, separados, a carne e o pão, que se benze na véspera do Espírito Santo para se mandar aos confrades e pessoas nobres da terra; e na mesma Casa se dá, na primeira oitava da dita festa, de jantar a todos os pobres, homens e mulheres, que concorrem a esta função, que muitas vezes chegam a perto de trezentos. São servidos à mesa pelo provedor e pelas mais pessoas de maior respeito que aí se acham. Terá a dita Casa do Espírito Santo de renda, com algumas esmolos que se vão pedir ao Alentejo e em frutos e em dinheiro, duzentos e oitenta mil réis, os quais se gastam no conserto das casas e igreja e culto divino, e em várias obras pias para que está destinada a dita renda, principalmente o salário de dois capelães, que na dita igreja dizem missa quotidiana pelos confrades e benfeitores da dita Casa.

Por costume antiquíssimo e acórdãos da dita Confraria, se fazia na dita Casa, em todos os domingos desde o de Páscoa até o do Espírito Santo, uma função chamada Império, que saía da dita igreja, em que ia diante a bandeira da Confraria, acompanhada com trombetas, com duas pelas bailando aos ombros de homens, por serem meninas de pouca idade. Logo uma dança das antigas do reino, depois muitas pessoas nobres, a que se seguiam duas moças donzelas toucadas e bem vestidas em corpo, a que chamam damas, e, entre elas, um menino nobre, que leva nas mãos uma espada larga sem copos com cruz e punhos dourados e bainha de veludo, chamada estoque, e dizem que fora do dito Rei Dom Dinis, servindo assim o dito menino de pajem do imperador, que é um homem nobre, que vai logo detrás, e ultimamente um capelão, com um prato grande de prata dourado, e nele uma coroa imperial da mesma matéria, com uma pombinha, figura do Espírito Santo; e se encaminhava toda esta comitiva até à igreja do Convento de São Francisco, onde bailavam as ditas damas, antigamente ao som da gaita e tamboril, e modernamente com um homem que juntamente tocava viola, e depois, pondo-se o dito imperador de joelhos nas escadas do altar-mor, era coroado com a dita coroa por um padre do dito convento, revestido de capa de asperges, e voltava toda a dita comitiva pela praça, e outras ruas da vila, até à dita Igreja do Espírito Santo, onde um capelão revestido, depois de dar a beijar ao imperador uma cruz com o Santo Lenho, lha tira da cabeça e, nas suas mãos, a beijam todos os circunstantes. E depois saíam todos para a varanda de baixo, onde o imperador se sentava debaixo de um rico dossel de brocado, e as ditas damas e menino do estoque aos seus pés, e logo quatro pessoas, das mais autorizadas que ali se achavam, lhe iam oferecer frutos e vinho, com as mesmas reverências que se fazem a majestade, e repetia então a mesma dança o homem da viola, com as ditas damas, e de novo tornavam os mesmos homens nobres, ou fidalgos, a ir oferecer doce e águas ao dito imperador, com as mesmas cerimónias, e nelas dava fim esta função, que ainda hoje se celebra em alguns dos ditos domingos, no que toca a coroação do imperador e acompanhamento; porém, há já alguns anos que se lhe não fazem os referidos oferecimentos, nem há a dança de foliões sobredita, nem as damas bailam, por não haver homens, ainda que humildes, que queiram entrar nestes bailes em público, antes o têm por afronta.

No sábado, véspera do dia do Espírito Santo, de tarde, há também outra função, que por tradição já escrita em livros antigos se diz que principiara por um voto, que em tempo do Rei Dom Afonso II fizera esta vila à Senhora da Assumpção, que se venera na Igreja Paroquial de Triana da mesma vila, se esta, por interceção da mesma Senhora, se livrasse da peste que então houve neste reino. Principalmente se prende um rolo de cera bento, a que chamam candeia, em o altar-mor da Igreja de São Francisco e daí se vai continuando a estender, preso nas paredes, pelas ruas da dita vila, até o altar-mor da dita Igreja da Senhora de Triana. Logo se ajuntam na dita Igreja de São Francisco todo o clero secular e regular, nobreza, justiças e senado da Câmara desta vila, com as suas insígnias, e também o dito imperador, com dois homens dos principais delas para fazerem a figura de reis, e, ajoelhando todos no altar-mor, são todos três coroados por um padre revestido com capa de asperges, o imperador com a dita coroa imperial e, aos seus lados, os dois reis com coroas de prata abertas, todas com a pombinha figura do Espírito Santo, e depois sai todo este ajuntamento em procissão, precedendo a bandeira da dita Confraria acompanhada de pelas e trombetas, e no fim vai o dito imperador, entre os dois reis, levando diante as ditas damas e pajem, com o estoque. E discorrendo pelas ruas da vila, rodeadas do dito rolo ou candeia, entram na sobredita Igreja de Triana onde fazem oração. E, ultimamente, se recolhem na do Espírito Santo, passando logo para a dita Casa dos Paióis, na qual, sentados, o dito imperador e reis, em cadeiras, debaixo de dossel, assistem ao benzer solene do pão e carne do bodo, e voltando para a igreja, ajoelhados no altar, lhes tira um capelão as coroas, que todos os circunstantes beijam com devoção.

*Pedro da Silveira, Prior da Freguesia de São Pedro da Vila de Alenquer, 15 de Abril de 1758.
(A.N.T.T., Memórias Paroquiais, vol. 2, n.º46-a, pp. 367-377)*

ANEXO 3

Confrades da Casa do Espírito Santo de Alenquer (1475-1580)

(Pesquisa da autoria do Arquivo Histórico Municipal de Alenquer)

«A Casa do Espírito Santo em Alenquer - Relação de alguns confrades» é um trabalho de Rogério de Figueiroa Rêgo (1901-1984), da Associação dos Arqueólogos Portugueses e do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, publicado em *Estremadura - Boletim da Junta de Província*, série II, número X, 1945, pp. 355-365. «Relação incompletíssima», no dizer do autor, foi extraída das *Provas de D. Flaminio* e acrescentada «sempre que isso foi possível» com subsídios biográficos e referências genealógicas.

RELAÇÃO DE ALGUNS CONFRADES DA CASA DO ESPÍRITO SANTO DE ALENQUER NOS ANOS DE

1475

Diogo Alvares de Gouveia, escudeiro, morador em Alenquer, e sua mulher *Catarina Teles*.

Foram instituidores de uma Capela na Igreja de S. Pedro da dita vila, cujo *Tombo* dos bens foi publicado em 1933, pelo Dr. Luciano Ribeiro.

Estêvão Leitão, escudeiro, de Alenquer, e sua mulher *Beatriz Jorge*.

1489

Álvaro Caiado, vassalo, de Torres Vedras. Foi vassalo da Casa de EI-Rei D. João II e marido de *Maria Dias* e sepultado em frente da porta principal, debaixo do alpendre, da Igreja de Nossa Senhora do Ameal em Torres Vedras, onde ainda há anos se lia a seguinte inscrição: «Aqui jaz Alvaro Cayado Vassalo delRey D. João o segundo o qual se finou a nove dias de novembro de 1524».

Seu filho João Caiado teve o foro de escudeiro-fidalgo e, sendo de idade de 25 anos, embarcou para a Índia na nau Galega em 1538.

Cristóvão Gonçalves Lobo, cavaleiro e contador da comarca de Alenquer e Sintra, e sua mulher *Catarina de Gouveia*, filha de Diogo Álvares de Gouveia e de Catarina Teles, já citados.

Francisco Teles, escudeiro, de Alenquer, filho mais velho de Diogo Álvares de Gouveia, de cuja capela foi o 1.º administrador.

Gomes Farto, escudeiro, morador em Alenquer.

João Afonso do Rêgo e sua mulher *Catarina Fialho*. Eram administradores da Capela de S. Martinho de Óbidos, onde hoje está instalado o Museu Municipal, fundada em 1331 por Pero Fernandes do Rêgo, raçoeiro de Lisboa e prior de Santiago de Torres Vedras.

João de Coimbra, e sua filha *Catarina*, de Atouguia.

Manuel Botado, escudeiro, do Turcifal. Foi Juiz ordinário de Torres Vedras e marido de *Isabel Anes da Ponte*, tia de Álvaro da Ponte, fundador da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Ponte do Rol.

Manuel da Ponte, cavaleiro, de Torres Vedras. Foi Juiz ordinário da dita vila e marido de *Isabel Henriques*, da Vermoeira, de quem houve ao citado Álvaro da Ponte.

Nuno de Sampaio, cavaleiro, de Torres Vedras. Foi provedor dos Hospitais, Capelas, Gafarias e Albergarias e marido de *Filipa do Rêgo*, filha de *Afonso do Rêgo*, cavaleiro de Atouguia e de sua segunda mulher *Catarina Henriques*. Filipa do Rêgo foi sepultada no Convento do Varatojo, conforme a seguinte inscrição em caracteres góticos minúsculos: «Aqui jaz Filipa do Rego molher que foi de Nuno de Sampaio q ds aja faleceo na era de 1530».

Pedro Afonso do Avelar, escudeiro, morador em Alenquer.

Pero de Almeida, escudeiro, de Alenquer, e sua mulher *Leonor Vaz*.

1500

Afonso de Albuquerque, filho de Gonçalo de Albuquerque, de Vila Verde. Trata-se indubitavelmente do célebre conquistador da Índia, figura máxima da nossa Epopeia no Oriente.

Pedro de Gouveia, filho de *Diogo Álvares* e de *Catarina Teles* já citados. Foi o 2.º administrador da capela instituída por seus pais, na falta de sucessão de seus irmãos Francisco Teles e Catarina de Gouveia.

1508

Álvaro Teles, escudeiro, morador em Alenquer, filho de Pedro de Gouveia, acima.

Foi o 3.º administrador, por falecimento, sem geração, de seus tios Francisco Teles e Catarina de Gouveia, da capela instituída por seu avô Diogo Álvares de Gouveia.

1518

Bartolomeu Fialho, escudeiro, morador na Cheira, filho de João Fialho e de Guiomar Pais.

Filipe Calvo, de Alenquer, filho de João Calvo.

Francisco de Macedo, filho de Rui Dias de Góis e irmão do célebre Damião de Góis. Foi o 1.º provedor da Casa do Espírito Santo, depois da reforma ordenada por El-Rei D. Manuel. Faleceu em 22 de Dezembro de 1545 e foi sepultado na Igreja da dita Casa, conforme inscrição que traz Guilherme Henriques, pág. 203.

João Leitão, cavaleiro e Juiz ordinário da Merceana.

Martim de Miranda, cavaleiro, da Merceana.

Pero Gomes de Carvalhosa, e seus filhos *Rui*, *Jerónimo*, *Catarina*, *Violante* e *Miguel Gomes*, todos da Ribeira de Maria Afonso, termo de Torres Vedras.

1520

Estêvão Gomes Godinho, pajem da lança de El-Rei D. Manuel e sua mulher *Margarida de Soutomaior*, de Torres Vedras.

1521

Damião de Góis, filho de Rui Dias de Góis, e Manuel de Góis, seu irmão. Trata-se do ilustre humanista e guardador da Torre do Tombo, autor da Crónica de El-Rei D. Manuel e de outros notáveis trabalhos que o tornaram célebre na Europa do seu tempo.

Vasco Martins Leitão e sua mulher *Isabel Penteado*. Teve carta de brasão de armas de Leitões, dada por El-Rei D. Manuel em Lisboa, aos 21 de Junho de 1507.

De sua filha bastarda *Maria Borges*, casada com *António Boto Pimentel*, cavaleiro da ordem de Malta, na qual teve as comendas de Pontével e Santarém, e instituidor da Capela de Santo António da Espiçandeira, descendem os Boto Pimentéis de S. Domingos de Carmões, onde ainda há actualmente representação.

1525

Álvaro da Ponte, escudeiro, morador na sua quinta da Ponte do Rol, termo de Torres Vedras, casado com *Margarida Varela de Carvalhosa*, da Ribeira de Maria Afonso. Era filho de Manuel da Ponte, atrás citado, e em 1530 erigiu a Igreja da Ponte do Rol da evocação de Nossa Senhora da Conceição, como ainda hoje se vê de uma lápide existente na dita Igreja, por debaixo do púlpito, do lado do Evangelho. Nessa época já era cavaleiro da Casa Real, como da inscrição respectiva se infere.

Jorge de Figueiredo, escudeiro, escrivão da Fazenda Real, morador na Ramalheira.

Manuel Leitão, escudeiro, e sua mulher *Guiomar Rebelo*, da Merceana. Foram pais de Brites Leitão, mulher de Bartolomeu de Aguiar, que foi porteiro da Câmara da Rainha D. Catarina e Alcaide do mar de Ormuz e Guardamora das naus do mesmo porto, cuja filha Isabel de Aguiar Leitão foi mulher de João de Figueiroa, cavaleiro da Casa Real e escrivão da Câmara de Torres Vedras, cargo de que foi privado por ser da parcialidade do Prior do Crato. Bartolomeu de Aguiar, voltando ao Reino, faleceu em Torres Vedras no ano de 1578.

1530

Diogo Álvares da Rocha, da Corujeira, contador do Juízo Geral de Alenquer.

Gil Vicente da Maia, e sua mulher *Leonor Perestrelo*, da Carnota.

João Monteiro, da Labrujeira, e sua mulher *Isabel Vogado*.

Margarida Gomes e *Lourenço Gomes de Carvalhosa*, filhos de Gomes Lourenço de Carvalhosa e de Luísa de Sampaio, todos da Ribeira de Maria Afonso, termo de Torres Vedras.

Rui da Vaza, cavaleiro, e sua mulher *Francisca César*, de Aldeia Gavinha.

Sebastião de Lilá, e sua mulher *Filipa de Fernão*, e seus filhos *Ana de Fernão*, *Manuel de Lilá* e *Isabel Travassos*, moradores na quinta do Peixoto.

1535

Fernão do Avelar, cavaleiro, de Atouguia, e sua mulher *Isabel da Vaza*, filha de Rui da Vaza, já citado, de Aldeia Gavinha. Trata-se dos pais de Luísa da Vaza, mulher de Martim de Orta Carneiro.

1538

Cristóvão Leitão, dispenseiro-mor da Infanta D. Maria, cunhado de Francisco da Ponte, de Arruda.

Francisco de Gouveia, filho de Manuel de Gouveia e de Catarina Vaz, do termo de Alenquer.

Lopo Vaz Vogado, e sua mulher *Margarida Vaz*. Esteve na tomada de Azamor em 1513 segundo se vê da Crónica de EI-Rei D. Manuel.

Sebastião de Macedo, filho de Francisco de Macedo e de Briolanja Peres, e sua mulher *Helena Jorge*. Era neto paterno de Rui Dias de Góis, pai do cronista Damião de Góis. Foi guarda-roupa do Cardeal Infante e veador da sua Casa. Faleceu em 5 de Julho de 1570 e foi sepultado na Igreja do Espírito Santo, onde ainda hoje se lê a inscrição que traz Guilherme Henriques, pág. 203.

Sebastião Semedo, cavaleiro, juiz ordinário de Torres Vedras.

1540

Jorge de Paiva, e sua mulher *Brites do Rêgo*, pais de Rui Boto Machado, de Alenquer.

D. Pedro de Noronha, de Vila Verde, e sua mulher *D. Violante*.

1541

Francisco Ferreira, de Aldeia Galega da Merceana, e seu filho *Diogo Ferreira*, que casou em 1540 com Isabel Nunes Cardoso.

Manuel de Sousa Chichorro e sua mulher *D. Leonor de Melo*, e seu filho Luís de Sousa.

1545

Lançarote Gomes Godinho Cabreira, alferes da Bandeira Real na Índia, filho de Estêvão Gomes Godinho, já citado, e sua mulher Maria do Avelar, de Alenquer.

1546

Pedro Casco de Montarroio, capelão da Rainha.

1549

Afonso Esteves, da quinta da Telhada, e sua mulher *Maria Petronilha*.

D. Joana de Argem, mulher de Damião de Góis, e seus filhos *Manuel de Góis*, *Ambrósio de Góis*, *Rui Dias de Góis* e *Catarina de Góis*.

Luís de Meireles, e sua mulher *D. Beatriz*, de Alenquer.

1550

Afonso Perdigão, escudeiro, de Alenquer.

Antão do Rêgo, cavaleiro e juiz ordinário de Torres Vedras e sua mulher *Margarida Varela*, moradores na sua quinta da Ponte do Rol, filha e genro de Álvaro da Ponte, já citado.

Faleceu no ano de 1570 e foi sepultado na Igreja do dito lugar, fundada por seu sogro, conforme inscrição que ainda hoje se pode ler na capela-mor, por debaixo do sôlho.

Francisco Teixeira, de Aldeia Gavinha, e sua mulher *Maria Lopes*.

Heitor Varela, cavaleiro, filho de Francisco Varela e marido de *Antónia de Magalhães*, de Alenquer. Foi escudeiro do Infante D. Duarte e na monção deste ano embarcou para a Índia; voltando ao Reino faleceu em 1561.

D. Leão de Noronha, e sua mulher *D. Guiomar da Costa*. Faleceu D. Leão em 19 de Agosto de 1572 e jaz sepultado na Igreja de S. Francisco de Alenquer. Foi o 5.º padroeiro do Mosteiro do Salvador de Lisboa e do Conselho de El-Rei D. João III. Foi varão santo e ilustrado; dele fala desenvolvidamente o «*Agiológio Lusitano*».

Onofre César, de Aldeia Gavinha, filho de Pedro da Costa, pajem de D. Joana de Blas, camareira-mor da Infanta D. Maria; teve alvará de moço de câmara em 2 de Novembro de 1553.

1553

Francisco Ferreira Velez, conforme Guilherme Henriques que a pág. 290 reproduz a inscrição deste confrade, foi filho de Francisco Ferreira, da dos Quentes, e de sua mulher Maria Viegas Rebelo.

Porém, nas «*Portarias do Reino*», vol. I, pág. 120, cita-se um Francisco Ferreira Velez que se assinalou em Azamor e Safim, como filho de Simão Ferreira Velez, alcaide-mor de Aldeia Galega da Merceana, que serviu em Cambaia e foi morto em Chaúl, em 1521.

Devemos notar que G. Henriques dá a notícia supracitada sob reserva.

Luís Álvares de Paiva e sua mulher *Inês Perestrello*, da Carnota.

1555

Francisco da Ponte, escudeiro, de Arruda, filho de Tristão da Ponte e cunhado de Cristóvão Leitão, já citado.

João Leitão, escudeiro, morador na Cheira, e seus irmãos *Rodrigo* e *André*, filhos todos de Bartolomeu Fialho, confrade em 1518, e sobrinhos de Catarina Fialho, mulher de João Afonso do Rêgo, confrade em 1489.

Dr. João Gomes de Carvalho, natural de Alenquer, onde fundou o convento de freiras e instituidor do Morgado dos Carvalhos. Foi lente notável da Universidade de Coimbra e pai de António Gomes de Carvalho.

Manuel de Gouveia, correio-mor do Reino, filho de Pedro de Gouveia e de Catarina do Avelar, sua segunda mulher e neto de Diogo Álvares de Gouveia e de Catarina Teles, já citados.

1557

Aires Penteadado, de Aldeia Gavinha, e sua mulher *Antónia do Avelar*.

Era filho de Fernão Penteadado e irmão de Vasco Martins Leitão e neto de Vasco Martins Leitão e de Isabel Penteadado, confrades em 1521.

Diogo Botelho, de Pegas, termo de Alenquer, porteiro-mor do Infante D. Luís e filho de Pero Botelho, que esteve com o dito Infante na empresa de Tunis, e de sua mulher D. Joana de Ataíde.

Paulo de Resende e sua mulher *Violante de Andrade*, de Santo Estêvão de Alenquer.

1560

Aires Ferreira, Alcaide-mor de Aldeia Galega da Merceana e vedor da Casa do Cardeal Infante, e sua mulher *D. Catarina de Góis*.

Era filho de Diogo Ferreira e de Isabel Nunes Cardoso, confrades em 1541. Faleceu em 28 de Janeiro de 1594 e foi sepultado na capela-mor da Igreja da Misericórdia, onde ainda hoje se lê a inscrição que traz Guilherme Henriques, a pág. 181.

Francisco de Figueiredo, de Vila Verde, e sua mulher *Beatriz de Barros*.

1565

Francisco do Rêgo, cavaleiro e vereador de Torres Vedras, e sua mulher *Antónia de Magalhães*, viúva de Heitor Varela, já citado.

Era filho de Antão do Rêgo, confrade em 1550.

1570

António Gomes de Carvalho, e sua mulher *Briolanja de Macedo*, filha de Sebastião de Macedo, já citado. Era filho do Dr. João Gomes de Carvalho, Lente em Coimbra, a que também se fez já alusão.

Manuel de Gouveia, cavaleiro, e sua segunda mulher *Joana da Rocha*. Foram pais de *Leonor da Mota Gouveia*, segunda mulher de *Francisco do Rêgo*, confrade em 1565.

Martim de Orta Carneiro e sua mulher *Luísa da Vaza*, neta de Rui da Vaza, já citado.

Pedro de Carvalho, filho de Diogo de Carvalho e de Margarida de Gouveia, de Alenquer.

Sebastião de Macedo, o moço, veador da Casa do Cardeal Infante D. Henrique, e filho de Sebastião de Macedo e de Helena Jorge, já citados. Faleceu em Agosto de 1593 e foi sepultado na Igreja do Espírito Santo, de cuja Casa foi provedor, conforme a inscrição que traz Guilherme Henriques, pág. 204.

D. Tomás de Noronha e sua mulher *D. Helena da Silva*, administradores do prazo de D. Leão, de Alenquer. Trata-se do filho primogénito e da nora de D. Leão de Noronha, atrás mencionado. Faleceu em 14 de Janeiro de 1584 e jaz no seu jazigo da Igreja de S. Francisco.

1577

Diogo Pereira, escudeiro, de Arruda.

1580

Afonso Pato Henriques, cavaleiro, e sua mulher *Luisa Caldeira Pimentel*, da quinta do Espanhol, termo de Torres Vedras.

Diogo César, de Aldeia Gavinha, e *Isabel César*, filhos de Onofre César, atrás mencionado, e de sua mulher Beatriz Ribeiro. Diogo César casou em 7 de Janeiro de 1580 com *Maria de Melo*, filha de Estêvão Neto, já defunto, e de Beatriz de Melo.

Duarte do Quintal, de Arruda, e sua mulher *Maria de Soutomaior*.

Jorge Godinho de Abreu, cavaleiro, de Carmões, termo de Torres Vedras, e sua mulher *Camila de Valadares*.

Rafael Leitão, de Aldeia Gavinha, e sua mulher *Filipa do Quintal*, sobrinha de Maria Lopes, mulher de Francisco Teixeira, já citados.

Rui Freire de Andrade, fidalgo, morador na sua quinta do Cabeço dos Alves, termo de Alenquer. Trata-se do herói de Ormuz?

A cronologia não se opõe a esta hipótese.

ANEXO 4

Casa do Espírito Santo de Alenquer – Relação de Documentos

(Pesquisa da autoria do Arquivo Histórico Municipal de Alenquer)

Arquivo Histórico Municipal de Alenquer

- **Tombo da Confraria e Albergaria do Bem Aventurado São Brás da Vila de Alenquer.** 1508.

Esta albergaria ou hospital foi instituída em 01.12.1320 e mais tarde incorporada no hospital da Casa do Espírito Santo. A.8

- **Livro de Registos da Câmara de Alenquer.** 1654-1672. Inclui transcrições, feitas em 22 de Dezembro de 1663, à vista de «um muito velho e antigo livro» então achado «em uma arca onde jazem os papeis e escrituras da vila de Alenquer», e por «mandado e autoridade do juiz e vereadores, para a todo o tempo constar»: «Princípio e fundamento da Casa do Espírito Santo da vila de Alenquer, dado pela Rainha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Dinis, no ano de 1321», «Primeiro Compromisso da Casa do Espírito Santo que fizeram os Confrades», «Milagre que aconteceu na Casa do Espírito Santo», «Outro Milagre», «Traslado de uns capítulos que estão num livro intitulado Lenda da Rainha Santa Isabel». A.129

Nota: Estas transcrições estão publicadas por Luciano Ribeiro, na revista *Damianus A Goes*, anos de 1941 e 1942.

- **Carta da Rainha (D. Catarina) sobre enfermos pobres (do Hospital do Espírito Santo).** Que não poderiam ser alojados no Hospital da Misericórdia (que não tinha rendas e não tinha camas, pelo que se deveria criar outro hospital). 11.08.1705. A.220

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Memórias Paroquiais

- **Alenquer (São Tiago).** 1758. Memórias paroquiais, vol. 2, nº 46, p. 307 a 360. PT/TT/MPRQ/2/46

- **São Pedro de Alenquer.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 2, nº 46a, p. 361 a 400. PT/TT/MPRQ/2/46^a

- **Aldeia Galega da Merceana.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 2, nº 19, p. 161 a 164. PT/TT/MPRQ/2/19

- **Aldeia Gavinha.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 2, nº 38, p. 261 a 264. PT/TT/MPRQ/2/38

- **Ota.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 26, nº 42, p. 337 a 340. PT/TT/MPRQ/26/42

- **Palhacana.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 27, nº 28, p. 159 a 164. PT/TT/MPRQ/27/28

- **Ventosa.** 1758. Memórias paroquiais, vol. 39, nº 126, p. 717 a 720. PT/TT/MPRQ/39/126

Nota: As Memórias Paroquiais estão publicadas pelo Padre José Eduardo Ferreira Martins, *Alenquer 1758 – O Actual Concelho nas Memórias Paroquiais*, Arruda Editora, 2008.

Corpo Cronológico

- **Alvará de D. Manuel I para se dar ao provedor do hospital uma bandeira, de damasco branco e carmesim, para a festa do Espírito Santo de Alenquer.** 1515-06-12. Corpo Cronológico, Parte I, mç. 18, n.º 12. PT/TT/CC/1/18/12
- **Carta de Francisco de Macedo dando parte à rainha que enviava o traslado do compromisso e regimento que a rainha D. Leonor e o rei D. Manuel ordenaram para o governador da Casa do Espírito Santo de Alenquer e que não remetia o traslado de como a dita casa se edificara milagrosamente pela Rainha Santa Isabel por a dita senhora já o saber.** 1540-09-18. Corpo Cronológico, Parte I, mç. 68, n.º 37. PT/TT/CC/1/68/37
- **Conhecimento de Francisco de Macedo, provedor do Hospital de Santo Espírito de Alenquer, por que consta receber do tesoureiro da Casa Real 1 bandeira de damasco carmesim, que o mesmo senhor deu ao dito Hospital.** 1517-02-08. Corpo Cronológico, Parte II, mç. 68, n.º 60. PT/TT/CC/2/68/60

Casa das Rainhas

- **Requerimentos Diversos.** Integra a informação de Salvador Jorge Vaz de Sousa e Alvim, ouvidor da comarca de Alenquer, sobre as rendas “que ouve e há” na Real Casa do Espírito Santo, de Alenquer, incluindo documentos acerca da Real Casa e Hospital do Espírito Santo, da vila de Alenquer, instituída e mandada edificar pela Rainha Santa Isabel de Portugal, em 1321, entre outros. 1742 a 1760 [?]. Casa das Rainhas, NT 459, cx. 308. PT/TT/CSRN/A/11/00156
- **Requerimentos Diversos.** Inclui requerimentos sobre a eleição do provedor e mais oficiais para a Real Casa do Hospital e Confraria do Espírito Santo, da vila de Alenquer, 1824-1825. Casa das Rainhas, NT 563, cx. 412. PT/TT/CSRN/A/11/00266
- **Requerimentos Diversos.** Integra eleição do provedor e mais oficiais da Confraria da Real Casa do Divino Espírito Santo de Alenquer. 1822 a 1828 [?]. Casa das Rainhas, NT 602, cx. 451. PT/TT/CSRN/A/11/00309
- **Requerimentos Diversos, Prazos e Aforamentos.** Contempla "Despachos e informação relativos à Confraria do Espírito Santo, de Alenquer" (a Real Casa do Espírito Santo foi instituída pela Rainha Santa Isabel de Portugal). 1774 a 1832 [?]. Casa das Rainhas, NT 610, cx. 459. PT/TT/CSRN/A/11/00317
- **Requerimentos Diversos.** Inclui estabelecimento e rendimentos da Casa, Confraria e Hospital do Divino Espírito Santo da vila de Alenquer (1819-1821). Casa das Rainhas, NT 684, cx. 533. PT/TT/CSRN/A/11/00396
- **Requerimentos Diversos.** O segundo macete reúne algumas consultas relativas à eleição de oficiais da Confraria do Divino Espírito Santo da vila de Alenquer, entre outros. 1739 a 1830 [?]. Casa das Rainhas, NT 685, cx. 534. PT/TT/CSRN/A/11/00397
- **Requerimentos Diversos.** Inclui auto de eleição do provedor da Real Casa do Espírito Santo, em Alenquer. 1643 a 1823 [?]. Casa das Rainhas, NT 732, cx. 581. PT/TT/CSRN/A/11/00447

Arquivo Marqueses de Olhão

- **Escritura de rematação e aforamento de terras de pão, matos e pés de oliveira, do Hospital do Espírito Santo, Alenquer, a Pero Lopes.** 1516-06-22. Marqueses de Olhão, Núcleo Quinhentista, cx. 3, n.º 3. PT/TT/MO/03/000003

Arquivo Viscondes de Vila Nova de Cerveira

- **Alegações feitas pelo provedor e oficiais da mesa da Real Casa do Espírito Santo de Alenquer sobre uns autos com o Visconde de Vila Nova de Cerveira.** Capilha com a informação "casas em Alenquer, são do morgado" e "em 1670 anos aforou o visconde, D. Diogo por escritura feita em Alenquer tabelião António de Matos Franco e isto enfatiota a Manuel Martins de Figueiredo umas casas no Cerro dos Touros em Alenquer por foro de 2.000 réis livre de todo o encargo de tributos da esmola de missas que se pagam à igreja do Espírito Santo e laudémio a décima fica junto à provisão para se fazer este aforamento assinado por el rei D. Pedro sendo príncipe"; número atribuído ao documento: 548. Este número no Índice da documentação, referido no documento: Portugal, Torre do Tombo, Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 2, n.º 4 (PT-TT-VNC/A/204), pertence ao mç. 17. No inventário intitulado: "Livro Geral do cartório de D. Tomás José Xavier de Lima, 2º Marquês de Ponte de Lima, no qual se contém todos os títulos e padrões, morgados, senhorios, propriedades, quintas, fazendas, foros, casais e mais rendas, privilégios, bulas apostólicas, testamentos e outros bens que pertencem à dita casa. Tudo extraído dos originais, títulos e mais documentos que no dito cartório se acham mando [sic] por ordem do dito senhor em Julho de 1819" (PT-TT-VNC/A/1), o mç. 17 corresponde ao "Morgado e bens dos Vasconcelos". Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 23, n.º 29. PT/TT/VNC/F/2329
- **Traslado da escritura de aforamento de umas casas na Praça do Espírito Santo de Alenquer, feita pelo Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Diogo de Lima, a Manuel Martins de Figueiredo.** Escritura feita em 16 de Novembro de 1670 em Alenquer. O traslado foi passado a pedido do Visconde de Vila Nova de Cerveira, D. Tomás de Lima e Vasconcelos Teles da Silva. Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 23, n.º 32. PT/TT/VNC/F/2332
- **"Instrumento de subenfiteuticação e aforamento enfatiozim a face do prazo e obrigação" de umas casas na Rua do Espírito Santo de Alenquer feita por Jacinto António da Silveira, oficial da Secretaria do Conselho Ultramarino e D. Ana Joaquina Soares da Rocha, moradores em Lisboa na Rua das Farinhas a Domingos Leite Guimarães, procurador de Gonçalo Tomás Peixoto da Silva Almeida Macedo Carvalho, fidalgo da Casa Real. O prazo é foreiro à Irmandade do Espírito Santo de Alenquer.** 1768-07-06. Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 23, n.º 34. PT/TT/VNC/F/2334
- **Carta de João Peixoto da Silva ao Visconde de Vila Nova de Cerveira.** O assunto prende-se com as missas celebradas na igreja do Espírito Santo [Alenquer], de uma capela que não vem indicada. 1715-10-26. Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 29, n.º 12. PT/TT/VNC/F/2912
- **Alvará régio confirmando a eleição feita pelos irmãos da Confraria e Hospital da Casa do Espírito Santo de Alenquer.** A eleição recai sobre o Visconde de Vila Nova da Cerveira, para provedor da dita confraria, durante 3 anos. O alvará fica registado no livro de registos da Casa do Espírito Santo, a f. 7, segundo informação dada pelo escrivão Mateus Coelho Teles. 1663-04-09. Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 29, n.º 24. PT/TT/VNC/F/2924
- **Parecer dado ao desembargador José Freire Falcão e Mendonça, ouvidor geral das terras das rainhas, sobre o requerimento do provedor, oficiais e adjuntos da mesa da Real Casa e Hospital do Espírito Santo de Alenquer.** O requerimento refere-se a dois prazos aforados em 1759 sem pregão. O parecer é de 18 de Abril de 1774. Tem junto 4 doc. (numerados de 1 a 4). Instrumento de composição e ajuste, feito a 18 de Abril de 1774; traslado de umas sentenças e execução em que é autor Francisco Inácio Souto Maior Mascarenhas Bernardes e réu Leandro José de Aragão, de 1; traslado de um libelo entre os mesmos e o traslado de um acórdão registado nos Livros dos Acórdãos do Hospital e datado de 1758. Na primeira folha em cima está escrito a lápis "sem valor". 1774. Viscondes de Vila Nova de Cerveira, cx. 32, n.º 51. PT/TT/VNC/F/3251

Academia das Ciências de Lisboa

- [Papeis da Meza da Fazenda e Estado das Rainhas, Tomo I, consultas, petições, cartas e outros papeis tocantes ao Provimento da Provedoria da Casa do Espírito Santo de Alenquer desde o anno de 1645 te o anno de 1653]. Manuscrito Azul, n.º 521.

As FESTAS do IMPÉRIO do DIVINO ESPÍRITO SANTO em ALENQUER

O Espírito Santo é figura central no Cristianismo, parte da Santíssima Trindade, na sua dimensão una e múltipla, onde Deus (Pai), o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo são três num só. No Novo Testamento o dia de Pentecostes é por excelência o dia do Espírito Santo.

Na generalidade, as celebrações que integram as festas do Divino Espírito Santo realizam-se durante os cinquenta dias que medeiam o domingo de Páscoa e o domingo do Pentecostes, dia no qual os cristãos comemoram a descida do Espírito Santo (na forma de línguas de fogo) sobre os discípulos e crentes em Jesus Cristo. É também assim que acontece no concelho de Alenquer. Alternadamente, em cada um dos oito domingos que compõem esse período, uma comunidade agenda os principais eventos destas celebrações: as cerimónias religiosas (as missas e procissões), e os bodos (oferendas e dádivas alimentares organizadas em jeito de festa, onde não pode faltar a “sopa do bodo”, os tremoços, o pão e o vinho).

A pesquisa que aqui se apresenta tem como principal objetivo o registo e descrição do estado das Festas do Império do Divino Espírito Santo (FIDES) de Alenquer nas oito comunidades do concelho que as realizaram no ano de 2022: vila de Alenquer; Aldeia Galega (incluindo as localidades de Arneiro, Casais Brancos, Paiol e Vale Benfeito); Aldeia Gavinha; Atalaia; Carregado; Paúla; Pereiro de Palhacana e Ota.

Os documentários etnográficos e mais informação produzida no âmbito deste projeto estão organizados num inventário de manifestações do Património Cultural Imaterial publicado no site www.memoriamedia.pt, onde se encontram disponíveis para consulta e partilha.

Filomena Sousa é pós-doutorada em antropologia (FCSH/UNL) e doutorada em sociologia (ISCTE-IUL). Membro colaborador no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição -patrimónios, artes e culturas (IELT) da FCSH/UNL e colaboradora no projeto MEMORIAMEDIA. Tem investigação desenvolvida no âmbito das políticas e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda do património cultural imaterial e realizou vários documentários sobre expressões culturais.

José Barbieri é fundador e diretor da Memória Imaterial CRL – entidade acreditada como ONG consultora do Comité Intergovernamental para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO e organização autora e gestora do projeto MEMORIAMEDIA. Tem o curso superior de Teatro e Cinema (ESTC/Lisboa), foi diretor de cenografia em ópera (Teatro Nacional de S. Carlos) e dança (Companhia Nacional de Bailado). É produtor e realizador de documentários sobre a cultura popular.



CÂMARA MUNICIPAL
Alenquer

Câmara Municipal de Alenquer
Vereação da Cultura
Divisão da Cultura e Identidade Territorial

MEMORIA
imaterial
Cooperativa Cultural



com o apoio do programa Tradições